

BIOGRAFIA E AUTOBIOGRAFIA EM CORDEL: TEORIA E PRÁTICA



Michel Victor dos Santos Silva
Queite de Oliveira Souza e Silva



Criação Editora



**BIOGRAFIA E AUTOBIOGRAFIA EM CORDEL:
TEORIA E PRÁTICA**

AUTORES

MICHEL VICTOR DOS SANTOS SILVA
QUEITE DE OLIVEIRA SOUZA E SILVA

ISBN

978-85-60102-90-7

EDITORA CRIAÇÃO

CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes

Christina Bielinski Ramalho

Fábio Alves dos Santos

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira

Martin Hadsell do Nascimento

Rita de Cácia Santos Souza

BIOGRAFIA E AUTOBIOGRAFIA EM CORDEL: TEORIA E PRÁTICA



Michel Victor dos Santos Silva
Queite de Oliveira Souza e Silva



Criação Editora
Aracaju | 2022

Copyright 2022 by Michel Victor dos Santos Silva
e Queite de Oliveira Souza e Silva

Grafia atualizada segundo acordo ortográfico da
Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Adilma Menezes



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes – CRB-8 8846

S586b Silva, Michel Victor dos Santos; Souza e Silva, Queite de
Oliveira.

Biografia e autobiografia em cordel: teoria e prática /
Michel Victor dos Santos Silva e Queite de Oliveira Souza
e Silva. – 1. ed. – Aracaju, SE : Criação Editora, 2022.

90 p.; figs.; quadros; fotografias.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-60102-90-7.

1. Cordel. 2. Crítica Literária. 3. Literatura Brasileira.

I. Título. II. Assunto. III. Autores.

CDD 398.5:B869.939
CDU 398.51:82-95 (81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura de cordel; Literatura brasileira: Crítica literária.
2. Cordel (literatura); Crítica literária (Brasil).

REFERÊNCIA

SILVA, Michel Victor dos Santos; SOUZA E SILVA, Queite de Oliveira. Biografia e autobiografia em cordel: teoria e prática. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2022. E-Book (PDF; 2 Mb). ISBN 978-85-60102-90-7.



SUMÁRIO

5 INTRODUÇÃO

11 FOLHETOS BIOGRÁFICOS E AUTOBIOGRÁFICOS:
UMA BUSCA TEÓRICA

14 FOLHETOS BIOGRÁFICOS E AUTOBIOGRÁFICOS

27 ZÉ PEIXE O AMIGO DO MAR

41 VIDA DE UM POETA

54 AFINAL, COMO SE CARACTERIZAM OS FOLHETOS
BIOGRÁFICOS E AUTOBIOGRÁFICOS?

55 FOLHETOS BIOGRÁFICOS E AUTOBIOGRÁFICOS:
CONSTRUINDO A PRÁTICA

57 LINGUAGEM VERBAL

62 LINGUAGEM VISUAL

72 VERSOS E RIMAS

74 RITMO CORDÉLICO

75 MÉTRICA

76 QUALIFICATIVOS

79 ESCRITA DE SI E ESCRITA PARA O OUTRO

87 CONSIDERAÇÕES FINAIS

89 REFERÊNCIAS





INTRODUÇÃO

A nossa história com a literatura de folhetos, também conhecida por literatura de cordel, é recente, mas de grandes descobertas que aqui se pretende convertê-las em rico material de ensino. O interesse em estudá-la se iniciou no período de trabalho de conclusão de curso, ano 2019 – se a memória não nos falhar –, quando nosso orientador de monografia, professor Alberto Roiphe, nos instigou a investigá-la a fim de valorizar a literatura sergipana. Até então, pouco sabíamos sobre o cordel brasileiro, tampouco o sergipano. Na escola, as aulas de literatura contemplavam as obras já consagradas no cânone literário. Na universidade, cursando Letras, as disciplinas de literatura também não a contemplavam em suas ementas. Fatos, no mínimo, instigantes, já que os folhetos são uma rica expressão cultural, artística e literária que se criou em nosso Nordeste por meio de uma tradição oral, o desafio nordestino (ABREU, 1999).

O mundo encantado do cordel é vasto, ainda em exploração. Tentamos no presente livro explorar mais deste mundo, pisando em terra fértil de arte e poesia, de liberdade poética e de cantoria, de linguagem que muitas vezes é subversiva, de relatos memorialísticos em rimas, de histórias de vidas daqueles que se fazem no cordel que criam ou daqueles a quem o cordelista se autoriza a biografar. E assim se fez este livro. Da curiosidade ingênua que anima os primeiros passos, da aventura desafiadora que dá consistência aos passos dados, do deleite nos achados, que são sempre inacabados, convidando-nos a darmos novos passos explorando o inacabado.



São os achados razão de ser deste livro que ora lhe apresentamos. Eles se constituem de biografias e autobiografias em cordel, nos quais o cordelista compõe versos memorialísticos, anuncia-nos uma história de pessoas que valem a pena serem lidas, dando-nos lições e exemplos de vida. O estudo sobre os folhetos biográficos e autobiográficos é escasso no âmbito acadêmico, de modo que a finalidade a qual fundamenta toda nossa escrita é convidar você leitor a não apenas contentar-se com nossas descobertas, mas explorar ainda mais a literatura de cordel que reclama sua valorização na literatura e na sociedade. E conscientes de sua desvalorização na educação e na literatura, propusemos converter todos os achados em rico material de ensino e de aprendizagem, de modo que professor e aluno sejam inseridos nesse mundo encantado do cordel.

Assim, fica evidente que um dos nossos objetivos é ampliar o que já se tem de estudo sobre a literatura de cordel, proporcionando, por meio da investigação de folhetos biográficos e autobiográficos, novas possibilidades de abordá-la e de usá-la como instrumento de ensino, contribuindo, portanto, para sua disseminação e valorização. Para tanto, objetivamos analisar dois cordéis, sendo o primeiro, “Zé Peixe o Amigo do Mar”, dos cordelistas sergipanos João Firmino Cabral e Ronaldo Dórea Dantas, descreve a biografia de José Martins Ribeiro, uma figura popular e famosa em Sergipe. Já o segundo, “Vida de um poeta”, versa sobre a autobiografia do cordelista sergipano Zezé de Boquim.

A escolha dos folhetos biográficos e autobiográficos de cordelistas sergipanos nos sobreveio da igual carência de valorização da cultura e literatura popular regional. Não há razão para negligenciar os poetas sergipanos, sobretudo porque carregam a sergipaneidade em seus versos rimados.

Para lograr êxito no que propomos, dividimos o presente livro em duas partes. A primeira parte, “Folhetos biográficos e autobiográficos: uma busca teórica”, tratamos da origem dos folhetos de cordel, mos-



trando os estudos teóricos já realizados sobre eles. Além disso, analisamos os cordéis biográficos e autobiográficos, mostrando as características que os constituem e que os separam das demais categorias de folhetos nordestinos. Na segunda parte, “Folhetos biográficos e autobiográficos: construindo a prática”, disponibilizamos várias atividades didático-pedagógicas para se trabalhar as características dos folhetos biográficos e autobiográficos em sala de aula.



FOLHETOS BIOGRÁFICOS E AUTOBIOGRÁFICOS: UMA BUSCA TEÓRICA

Nesta parte serão apresentados os cordéis biográficos e autobiográficos com o objetivo de identificar como eles são constituídos quanto à linguagem visual de suas capas e quanto à linguagem verbal de suas narrativas, de maneira que possibilite ao leitor novos olhares e novas formas de abordar, didaticamente, os folhetos nordestinos.

No entanto, para proceder a análise, importa reconhecer a origem popular nordestina e brasileira da literatura de folhetos que, desde a segunda metade do século XX, passou a ser denominada literatura de cordel, conforme a pesquisadora Márcia Abreu explica:

Apesar de, atualmente, utilizarmos o termo “literatura de cordel” para designar as duas produções [a portuguesa e a do nordeste brasileiro], os autores e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início desta produção, referiam-se a ela como “literatura de folhetos” ou, simplesmente, “folhetos”. A expressão “literatura de cordel nordestina” passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente. Na mesma época, influenciados pelo contato com os críticos, os poetas começam a utilizar tal denominação. (ABREU, 1999, p. 17–18, grifos da autora)

Ao esclarecer questões terminológicas sobre as duas produções literárias, a autora tem intenção de negar a hipótese de que os folhetos brasileiros surgiram de uma adaptação, recriação ou transformação



da literatura de cordel portuguesa. Confrontando, historicamente, as duas literaturas, Márcia Abreu (1999) descobriu que havia mais características que as desvinculavam do que as uniam.

O cordel lusitano envolvia vários gêneros como “[...] autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias... além de poder ser escrita em prosa, em verso ou sob forma de peça teatral” (ABREU, 1999, p. 21).

O folheto nordestino, por outro lado, divide-se em categorias de desafio ou peleja; de romances e histórias; e de poemas de época, sendo escrito somente em verso (TERRA, 1983, p. 59).

O público-leitor dos cordéis portugueses era desde o pobre ao nobre; do servo ao senhor; dos súditos aos reis e senhoras da corte; ou seja, englobava todas as classes sociais. Nos folhetos brasileiros, cordelistas e, predominantemente, os leitores fazem parte da classe popular. A temática da literatura de cordel portuguesa era a vida dos nobres e cavaleiros. Já a temática da literatura de folhetos era o cotidiano nordestino e o “ciclo do boi”, para utilizar a terminologia empregada por Abreu (1999).

Em relação à temática do boi, o estudioso de cordel Horácio de Almeida aprofunda:

[...] a poesia tradicional do Nordeste apareceu com a temática do boi. Ora, isso jamais podia ter vindo de Portugal, porque é um reflexo da nossa economia, diga-se melhor, da economia sertaneja do Nordeste [...] com as festas de vaquejada, a queda do rabo, as corridas tresloucadas por dentro do mato fechado. Na poesia de cordel está a naturalização da nossa literatura. Os temas são genuinamente brasileiros, como o boi, o cangaceiro, o jogo do bicho, as lendas populares, a cachaça, as lutas políticas, o padre Ciço, as pelejas entre cantadores, os dramas de amor, as ações heroicas etc [...] uma ou outra vez o poeta vai buscar assunto na literatura universal [...]. (ALMEIDA apud ROIPHE, 2013, p. 38)



Até o que se credita ser a grande contribuição da literatura de cordel portuguesa não permaneceu por muito tempo nos folhetos nordestinos, a saber, os versos de quadra de sete sílabas poéticas com rimas ABCB, dado que, a partir do século XIX, eles passaram a ser compostos, predominantemente, por sextilhas de sete sílabas poéticas com disposição de rimas ABCBDB, sendo também compostos, posteriormente, por septilhas heptassílabas com rimas ABCBD-DB (ABREU, 1999).

Realçadas as principais diferenças que negam a hipótese de uma origem lusitana, o que pesquisadores como Terra (1983), Abreu (1999) e Roiphe (2013) defendem é que a literatura de folhetos surgiu no nordeste brasileiro por meio de uma batalha de rimas improvisadas de dois cantadores que se enfrentavam alternadamente com seus respectivos instrumentos musicais. A essa batalha de rimas é o que chamamos de desafio nordestino, discussão ou peleja.

Em outros termos, queremos dizer que o folheto nordestino é um gênero mediado pela tradição oral e escrita, sendo Leandro Gomes de Barros reconhecido como o grande poeta a escrever em cordel os duetos poéticos que já ocorriam oralmente.

Nos idos de 1893, quando o poeta Leandro de Barros passa a publicar seus poemas em folhetos inicia-se a literatura popular impressa do Nordeste. Outros o seguirão: Francisco das Chagas Batista, que começa a publicar em 1902, e João Martins de Athayde em 1908. [...] Leandro foi sem dúvida o primeiro a produzir regularmente folhetos, possibilitando assim esta literatura em toda sua especificidade. Toma forma um conjunto de textos em permanente reedição. Tem início um processo peculiar de produção e comercialização e constitui-se um público para esta leitura.

Os poetas populares são herdeiros da temática da literatura oral, e de certo modo, das cantorias que ocorriam no Nordeste desde pelo menos meados do século XIX. A temática dos folhetos é, contudo, mais ampla. O poeta popular, além de detentor da tradição comum



à literatura oral, qual o cantador, urde desafios, de sua parte, tematiza o cotidiano. (TERRA, 1983, p. 17)

Como mencionado pela pesquisadora Ruth Terra (1983), a temática do cordel brasileiro não se prendeu somente ao desafio, estendendo-se para outras categorias como os poemas de época e os romances e histórias das quais fazem parte os folhetos autobiográficos e biográficos que trataremos em seguida.

FOLHETOS BIOGRÁFICOS E AUTOBIOGRÁFICOS

No estudo “Arte, história e narrativa: a trajetória do poeta José Costa Leite”, o pesquisador Geovanni G. Cabral (2016) define a autobiografia como um relato memorialístico, um “[...] arquivo da vida” (CABRAL, 2016, p. 36). O cordelista – já que se trata de autobiografia em cordel – busca, em sua própria memória, fatos de sua vida que lhe marcaram e transmite essas reminiscências em linguagem poética. Entretanto, não se pode pensar que o poeta fica passivo e neutro a sua própria recordação; pelo contrário, ao escrever sobre si, ele não só se recorda, mas interpreta, seleciona, omite, modifica, organiza, descarta e destaca as próprias memórias segundo seus objetivos e interesses. Desse modo, o poeta se torna o próprio editor de sua obra. A respeito disso, elucida Cabral:

No que se refere à verdade no campo da escrita autobiográfica, Peter Gay ressalta que “seguramente não tem importância se uma autobiografia publicada reproduz uma experiência passada ou se inventa, nega ou adorna os fatos.” Segundo o autor, quem está escrevendo uma autobiografia é a testemunha que pode narrar o que viveu. Com essa citação, não pretendemos (sic) averiguar o estatuto de veracidade das histórias descritas no texto por Costa Leite, mas como ele utiliza a prática escriturística para se constituir



como sujeito narrador de sua vida por meio de um relato que se pretende verdadeiro. Portanto, cria um lugar de autoridade para sua fala por ter sido ele quem vivenciou as experiências poetizadas sendo, por conseguinte, testemunha da própria narração ordenando-a em temporalidades distintas segundo seus critérios e interesses. (CABRAL, 2016, p. 46, grifos do autor)

Diferentemente da autobiografia em que o registro das memórias é realizado e controlado pelo próprio autobiógrafo, a biografia, por definição, é a narrativa da história de vida de um indivíduo escrita por outro indivíduo. Sendo assim, é do biógrafo a prerrogativa de narrar a trajetória de vida da pessoa biografada, tomando para si o controle do registro das recordações dela.

Vale lembrar que em se tratando, especificamente, de folhetos autobiográficos e biográficos, a pretensão de escrever a totalidade da vida de uma pessoa não se alcança. Por serem escritos em versos, não há espaço para uma narrativa mais descritiva sobre as memórias; o ambiente; as digressões do narrador; os conflitos emocionais do biografado durante as adversidades; a própria construção de sua identidade ao decorrer da sua vida; as pessoas com quem se relacionou e que o influenciou etc. Vê-se, então, que a escrita de si (autobiografia) e para o outro (biografia) é também uma escrita lacunar; isto é, não se consegue versar sobre toda a trajetória de vida de uma pessoa, como se espera dos gêneros biografia e autobiografia.

A própria liberdade que o autor, seja ele autobiógrafo ou biógrafo, tem de manipular os fatos memorialísticos, selecionando uns e eliminando outros, focando mais em uns em detrimento de outros, reafirma a característica lacunar dos escritos biográficos e autobiográficos em cordel. É comum, por exemplo, encontrar nos folhetos desses gêneros saltos na linha do tempo que cria um hiato entre uma época e outra, como se pode observar no primeiro verso das primeira, terceira e quinta estrofes, do cordel “Vida de um poeta”, de Zezé de Boquim:



Na idade de 7 anos
Fiquei de pai abandonado
Mamãe ficou sem marido
Era triste o resultado
Minha mãe achou melhor
Ir morar mais minha vó
E mais três filhos de lado.

Pois minha vó era pobre
Em uma situação daquela
Vendia chapéu de palha
Prato de barro e panela
Minha mãe recém-chegada
Não sabia fazer nada
E eu ajudava a ela.

Ao completar 9 anos
Comecei a estudar
Porque a minha tia
Resolveu me ensinar
Mas para ser positivo
Faltou o terceiro livro
Mamãe não pode comprar.

Aí saí da escola
Foi triste a situação
Perdi todo o meu estudo
Por falta de condição
Mas as lições que foram dadas
Ainda hoje estão guardadas
Na minha recordação.

Na idade de 12 anos
Veio um tempo ruim
Precisei ir trabalhar
Numa plantação de capim



Acho por eu ser menino
Veio um feitor cretino
Tratou de mangar de mim.

É importante salientar que o poeta autobiógrafo, nessas estrofes, escolhe uma reminiscência que o marcou para corresponder a um estágio de sua vida, haja vista ser impossível acreditar que durante os sete, nove e doze anos da vida do cordelista só tenham ocorridos os relatos versados.

No que diz respeito à linguagem verbal dos folhetos autobiográficos e biográficos, destacam-se dois aspectos. O primeiro se refere ao título que, predominantemente, é composto pelo nome ou alcunha da pessoa biografada, podendo ser seguido por uma característica significativa dela, funcionando como subtítulo. Também é composto por termos “Vida de...”, “biografia de...”, “história de”, “Nascimento, vida e morte de...” e afins, seguidos do nome do biografado ou autobiógrafo.

Exemplos desse aspecto podem ser identificados nos folhetos “Gilberto Amado” e “Afonso Arinos”, do cordelista norte-rio-grandense Crispiniano Neto, em que há somente a presença do título, informando o nome do biografado. Já em “João Firmino Cabral: um poeta de valor”, da cordelista sergipana Salete Nascimento e “Aglaré D’Ávila Fontes: personalidade da nossa cultura”, do menestrel sergipano Zezé de Boquim, nota-se o acréscimo de um subtítulo, qualificando o nome que aparece no título das obras. Por último, encontram-se nos cordéis “História de Pinto Martins”, de Abraão Batista; “Biografia de Juscelino Kubistchek de Oliveira”, de José Severino Cristóvão; “Vida de um poeta”, de Zezé de Boquim; “Nascimento, vida e morte de Lampião”, de Olegário Fernandes, as terminologias que identificam os gêneros biografia e autobiografia.

A título de curiosidade, qualificadores como esses destacados nos subtítulos são formas de reconhecimento ou enaltecimento concedidos ao biografado, tanto que eles são dados pelos cordelistas biógra-



fos. Não há quem se disponha contar a vida de alguém sem uma pre-
tensão específica e tratando-se de cordéis biográficos, quanto mais
autobiográficos, é inegável que a finalidade é enaltecer.

O segundo aspecto da linguagem verbal dos folhetos se refere a
sua estrutura narrativa que, em geral, começa “Igualmente à maioria
dos narradores [...] pelas circunstâncias do nascimento, infância, tra-
balho, casamento, filhos, viagens” (SILVA, 2015, p. 64), não excluindo as
particularidades próprias de cada cordelista compor seu cordel.

Por exemplo, no folheto “História de Pinto Martins”, do menestrel
Abraão Batista, é possível observar essa estrutura assim que o poeta
inicia a biografia:

Em mil e oitocentos
No dia quinze de abril
No ano noventa e dois
Nasceu nesse Brasil
Um ilustre cearense
Arrojado, como gentil.

[...]

Quando nasceu o menino
Foi à pia batismal
Pelo nome de Euclides
Por preferência do casal
Recebeu de Jesus Cristo
O batismo e o sinal.

Versado sobre o nascimento, o autor, nas estrofes seguintes, trata da
infância e juventude do biografado, mostrando os locais por onde passou:

Euclides de Camocim
Ainda muito criança
Mudou-se para Natal



Com os pais e a lembrança
De Camocim, sua cidade
Sua vida e confiança.

[...]

Aos dezesseis anos, ele
No intuito de estudar
Pedi licença aos pais
No desejo de viajar
Na cidade de Nova Iorque
Como estranho foi morar.

Na sequência, o poeta trata de trabalho, casamento e filhos:

Chegando em Nova Iorque
Logo se estabeleceu,
Numa fábrica de vagões
Se empregou como plebeu
Pensando só nos estudos
Era um grande sonho seu.

[...]

Naquele tempo conheceu
Uma moça com quem casou
Chamada ela, Gertrudes
E por ela se apaixonou
Dela, teve uma filha
Pela qual se dedicou.

Já no folheto “Afonso Arinos”, de Crispiniano Neto, a estrutura narrativa está disposta em ordem diferente, mantendo a circunstância do nascimento, excluindo a da infância, saltando para a de casamento e a de trabalho, intercalados pela das viagens.



02
Em Belo Horizonte – Minas
Gerais, do céu cor de anil
Nasceu dia 27
Do onze, do ano mil
E novecentos e cinco
Para honra do Brasil.

Após dedicar duas estrofes à árvore genealógica do biografado, o poeta avança no tempo e trata de casamento, trabalho e viagens.

05
Para não viver sozinho
Pensou numa companheira
Ao encontrá-la aceitou
Como sua esposa verdadeira
Dona Ana Guilhermina
Rodrigues Alves Pereira.

[...]

09
Teve força de vontade
Como principal critério
Permaneceu por dez anos
Levando o estudo a sério
Sendo exímio professor
E servindo ao magistério.

[...]

12
Para Genebra – Suíça,
Entendeu de viajar
Com o fim de seus estudos
Ali aperfeiçoar
Voltando ao Rio de Janeiro,
Passou a lecionar.



Conforme visto no último folheto, nas estrofes 02 e 05, quando do salto temporal ou da supressão no relato biográfico, a sequência da estrutura narrativa nem sempre ocorre em tempo linear, até mesmo porque parece ser uma característica comum a ruptura na linha do tempo com antecipações, saltos, supressões etc.

Cabe ainda mencionar que em alguns folhetos, antes do início do relato autobiográfico e biográfico, há uma espécie de apresentação que pode ser “[...] um pedido de inspiração às musas, aos deuses ou aos santos de devoção do poeta;” (ROIPHE, 2013, p. 44) ou uma explicação, vezes excessiva, que justifica a produção da obra. Em outros, a narrativa ocorre sem apresentação.

Vejamos, para exemplificação, novamente o cordel “Afonso Arinos”, de Crispiniano Neto, em sua primeira estrofe, em que se constata o pedido de inspiração:

01
 Inicialmente peço
 Dos céus auxílios divinos,
 A inspiração mais fértil,
 Os versos mais genuínos
 Para compor um poema
 Da Vida de Afonso Arinos.

No cordel “Gilberto Amado”, produzido pelo mesmo poeta, a petição também se faz presente nos versos, embora direcionado às musas e não a uma divindade:

01
 Quero que as musas me inspirem
 Na arte de cordelista,
 Para descrever a história
 De um político e jornalista,
 Professor e diplomata,
 Bom poeta e romancista!



O termo “musas” carrega um significado amplo, podendo referir-se, segundo o *Dicionário Online de Português* (2020), a “[...] Cada uma das nove deusas que presidiam às ciências e às artes. Suposta divindade ou gênio que inspira a poesia. Tudo o que pode inspirar um poeta [...]”, entre outros. Tomando por base o último significado, a arte, a poesia ou a natureza se convertem em musas dos cordelistas, conforme vemos no folheto “Poeta João Sapateiro: orgulho de meu lugar”, de Zezé de Boquim:

Eu peço a minha poesia
Que me dê sabedoria
Para eu poder bem narrar.
A história de um guerreiro
Poeta João Sapateiro
Orgulho do meu lugar.

Já em cordel semelhante em homenagem a “Agláé D’Ávila Fontes: personalidade da nossa cultura”, de Zezé de Boquim, vê-se exemplo de como os poetas dispensam o pedido de inspiração e focam em explicar sua produção a fim de justificar a importância dela, ou seja, a biografia é uma pessoa ilustre e por isso vale a pena versar sobre ela.

Meu estudo não me fez
Padre, juiz ou escrivão
Por isso não me julgo
Ser o dono da razão
Mas como sou cordelista
Tenho que correr na pista
E zelar da profissão.

Um dia alguém me chamou
E disse assim seu Zezé
Vou lhe dar uma tarefa
E digo já como é



Quero que faça um cordel
Que sirva como troféu
Da visa de Aglaé.

Me deu a biografia
Que estava bem guardada
Quando peguei pra ler
Fiquei de mãos levantadas
E desejei conhecê-la
A mulher tem mais estrelas
Que a noite enluarada.

A explicação do poeta perdura até a sétima estrofe, tornando-a desnecessária e excessivamente detalhista, de modo que o foco deixa de estar na biografia para se assentar na qualidade do cordelista em biografar.

Quanto aos cordéis sem apresentação, há exemplos em “Rui Barbosa”, de Crispiniano Neto, nos primeiros versos “Quero contar a história / Verdadeira e gloriosa” e em “A história de João Fumaça: um órfão e exemplo de vida. Filho de Aquidabã”, na primeira estrofe:

No ano de trinta e oito
Quando morreu Lampião
A paz voltou a reinar
Em todo nosso sertão
Um dia pela manhã
Nascia em Aquidabã
O nosso menino João

No que diz respeito à linguagem visual dos folhetos, eles apresentam, predominantemente, como formas de capa, a xilogravura, a fotografia e o desenho. Nos três formatos, é reproduzida a imagem da pessoa biografada ou autobiografada sozinha; quando não, em um cenário que se relaciona a sua própria história de vida, permitindo ao



leitor antecipar-se à narrativa e criar hipóteses. A exemplo, observemos as capas abaixo:



Gilmar Santana Ferreira
Poeta João Sapateiro
Orgulho do meu lugar
S.l., s.ed., s.d., 7p.

Desenho de Ubirajara [Ubirajara da Cruz Moura]
Impresso em preto sobre papel amarelo

No desenho de Ubirajara, que constitui a capa do folheto, vê-se, no plano de frente claramente um homem de aspecto envelhecido, de camisa social longa, mas com as mangas recolhidas próximas ao cotovelo, segurando em sua mão esquerda um sapato, aparentemente, de estilo social, preso a um suporte. Em sua mão direita, um martelo numa posição de movimentação, percebido pelos leves contornos ao lado dele, sugerindo que o homem estava martelando a sola do sapato. No plano de fundo, observam-se prateleiras com vários sapatos aglomerados. Todas essas características permitem ao leitor criar a hipótese de que o local é uma sapataria e o senhor, no desenho, é um sapateiro. O próprio título confirma essa inferência que se fez na leitura da capa do cordel ao qualificar o nome “João” de “Sapateiro”. Ademais, ela também se comprova nos versos da biografia:



Em Laranjeiras João
Entrega seu coração
À luta do dia-a-dia.
No ofício de sapateiro
Torna-se um bom guerreiro
Bem como na poesia.

Para não haver contenda
João monta sua tenda
E começa a trabalhar.
Vivendo em paz e alegria
Também sua poesia
Começa a semear.

Interessante é que, na última estrofe, não só se confirmam as suposições criadas pela leitura da capa, como também é revelado ao leitor a razão do título ser “Poeta João Sapateiro”, dado que além de trabalhar como sapateiro, vivia também de poesia.



Abraão Batista
História de Pinto Martins
Juazeiro do Norte: s.ed., 1992, 16p.
Xilogravura de Abraão Batista
Impresso em azul sobre papel pergaminho



Nesta outra capa, com uma xilogravura do próprio autor, Abraão Batista, nota-se um homem, dos ombros à cabeça, de aparência jovem, ao lado direito da capa, ocupando quase todo espaço. Em sua cabeça, um chapéu de aviador. Na parte inferior da capa, vê-se um avião esportivo clássico e, abaixo dele, aparentemente, um ramo de folhas. Semelhante à capa anterior, a leitura dos aspectos imagéticos, como o acessório na cabeça do homem e o transporte aéreo, permite ao leitor supor que a história a ser versada é sobre um aviador, sendo confirmada pelos versos da narrativa biográfica:

Já nos Estados Unidos
Meteu-se na aviação
Aprendeu a pilotar
Todo tipo de avião
Frequentava a sociedade
Daquela grande nação.

Essa possibilidade de o leitor fazer, a partir da leitura visual das capas, inferências sobre a trajetória de vida a que se pretendeu o poeta versar é confirmada pelos estudos do professor Alberto Roiphe (2013) ao constatar que os folhetos nordestinos não são constituídos somente pela linguagem verbal de suas narrativas, mas também pela linguagem visual presente em suas capas. Não de maneira dissociada, mas numa articulação a qual permite reconhecer o folheto de cordel como um gênero verbo-visual.

A respeito disso, vale destacar as próprias palavras do professor:

[...] é preciso observar que, em sua constituição física, os folhetos de cordel, originalmente, passaram a ter gravadas em suas capas, – impressas em papel manilha branco, rosa, azul, verde etc.–, além do título e do nome de seu autor, xilogravuras, isto é, gravuras em madeira diretamente relacionadas à narrativa, muitas vezes produzidas pelo próprio poeta popular. Além das xilogravuras, dese-



nhos e fotografias passaram ainda a constituir as capas dos folhetos, o que permite, assim, classificá-lo (sic) também como gênero visual.

Vê-se, assim, que o folheto de cordel é um gênero que se caracteriza pela presença da linguagem verbal e da linguagem visual, simultaneamente, em sua composição, tratando-se, portanto, de um gênero verbo visual. (ROIPHE, 2011, p. 118)

Dessa forma, torna-se impossível, em posse dessa informação, fazer uma leitura do folheto de cordel não considerando sua verbivisualidade; do mesmo modo que se tornou impossível, ao longo de nossa investigação, negar sua origem brasileira pelo desafio nordestino.

ZÉ PEIXE O AMIGO DO MAR

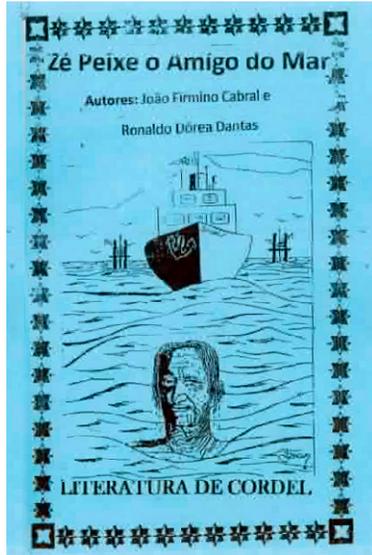
Como exemplo de leitura do gênero, analisaremos o folheto biográfico “Zé Peixe o Amigo do Mar”, de autoria dos cordelistas João Firmino Cabral e Ronaldo Dórea Dantas. Na sequência, analisaremos o folheto autobiográfico “Vida de um poeta”, do cordelista Zezé de Boquim.

João Firmino Cabral foi um cordelista de grande referência em Sergipe – onde nasceu – e no Brasil, ocupando, até seu falecimento em 2013, em decorrência de uma leucemia, a cadeira de número trinta e seis da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). Devido às suas contribuições para literatura popular e, conseqüentemente, para cultura de Sergipe, foi condecorado com a medalha Mérito Cultural Serigy e tornou-se patrono da primeira Cordelteca do Brasil, localizada na Biblioteca Pública Municipal Clodomir Silva, em Aracaju (INFO-NET, 2013).

Segundo consta no mural dos cordelistas, na Cordelteca, Ronaldo Dórea Dantas, alcunhado de “O poeta amigo do rodeio”, é também referência na literatura de cordel sergipana com várias publicações de



folhetos de cordel, podendo ser facilmente encontrados na banca localizada na Passarela das Flores, no Mercado Municipal Antônio Franco, em Aracaju.



João Firmino Cabral e Ronaldo Dórea Dantas
Zé Peixe o Amigo do Mar
Aracaju: s.ed., s.d., 12p.
Desenho de Ivan [Ivan Santos Araújo]
Impresso em preto sobre papel azul

Na capa do folheto, é possível observar, inicialmente, uma moldura retangular, composta por um desenho em preto e branco, ao que parecer ser, de estrelas que circunda toda a borda. Dentro da moldura, notam-se as duas linguagens constituintes do gênero, a verbal e a visual.

Analisando a linguagem verbal, vê-se que os elementos que as constituem estão localizados na parte superior e inferior da capa. Na parte superior, encontram-se o título do folheto e os nomes dos autores cordelistas. Na parte inferior, apenas “Literatura de cordel”, indicando o gênero.



Quanto à forma de escrita em que esses elementos estão dispostos na capa, chamam a atenção o título do folheto e o nome do gênero por estarem em tamanho igual de letras, com o uso de negrito, sendo distinguidos somente pela caixa de texto, que no título é baixa e no nome do gênero é alta; diferentemente dos nomes dos cordelistas que estão em formato de caixa de texto baixa e tamanho de letras muito inferior aos outros componentes verbais, com apenas o termo “autores” em negrito. Isso pode sugerir que há uma intenção por parte do editor do folheto de dar maior visibilidade e importância para o título e para o gênero. Para título, por ser a porta de entrada do texto; e para o gênero, como meio de valorização e reconhecimento.

No título “Zé Peixe o Amigo do Mar”, é importante perceber que os cordelistas se referem à pessoa biografada pela sua alcunha e não pelo nome próprio – como ocorre na maioria dos títulos dos folhetos biográficos –, dando a entender que o biografado é mais conhecido pelo seu apelido. Ao lado da alcunha, uma caracterização “Amigo do Mar”, funcionando como subtítulo, que, articulada ao desenho da capa, sugere tratar-se de um nadador e de um prático, visto que no desenho Zé Peixe aparece centralizado à frente de uma embarcação de grande porte que nem um guia.

No desenho da capa, que constitui a linguagem visual do folheto, na parte inferior à direita, pode-se observar uma discreta assinatura do desenhista Ivan. Já no segundo plano, há um céu com nuvens e pássaros sobrevoando o mar. No mar, notam-se, ao que parece ser, plataformas petrolíferas e, um pouco à frente, uma embarcação de grande porte, com contraste preto e branco, posicionada no centro delas, insinuando que a embarcação está em movimento, distanciando-se das plataformas e aproximando-se da terra. No primeiro plano, vê-se um homem somente dos ombros à cabeça, semelhante a um busto, o que pode indicar que se trata de uma pessoa ilustre, dado que os bustos são produzidos para esse fim.



Ainda sobre o aspecto fisionômico do homem, é possível também enxergar uma aparência decrépita pelos sinais de flacidez da pele e pelas rugas na região dos olhos e, assim, concluir que é uma pessoa de idade avançada. O curioso é que, apesar das características que apontam para a velhice do indivíduo, a maneira como estão posicionadas as duas aparentes plataformas petrolíferas, um pouco atrás da embarcação de grande porte, e ele, por sua vez, à frente dela, dá a impressão que está orientando-a para ancorar em terra firme.

Se somarmos a impressão com a possibilidade de o aspecto envelhecido do indivíduo significar, no nível simbólico, experiência, e entender que assim pode ser compreendido, conseguimos inferir não só que ele é um profissional de praticagem, como também é muito experiente nessa profissão.

Tratando-se da estrutura formal, o folheto contém oito páginas organizadas em 44 estrofes de septilhas, em versos heptassílabos com rimas ABCBDDB.

Partindo-se para o plano narrativo, a primeira estrofe é destinada ao pedido de inspiração à divindade com o objetivo de ela auxiliar os cordelistas a fazerem um belo trabalho.

Para escrever estes versos
Eu fitei o infinito
Pedindo a Deus pra fazer
Um trabalho bem bonito
Falando da sua natureza
De sua imensa grandeza
E seu poder inaudito

Apesar de na capa do folheto informar que são dois autores, na narrativa, nas poucas vezes que o narrador entra na história, ele opera em primeira pessoa do singular, sendo impossível identificar que se trata de uma obra conjunta. Sequer é possível saber quem dos autores



iniciou; em que momento parou; quem continuou e se foi o mesmo a finalizar. As escritas se confundem e não deixam nítidas as diferenças no modo de cada poeta escrever, o que lhes conferem uma harmonia escritural rara de se ter, e assim poderia justificar o uso pela primeira pessoa do singular.

Também na primeira estrofe, observam-se as marcas de oralidade e informalidade da linguagem do cordel, pelo uso de “pra” como forma reduzida da preposição “para” e pela incorreção do verbo “falando” em um texto escrito. Essas marcas não só evidenciam a mediação da tradição oral e escrita dos folhetos nordestinos, como atestam sua origem popular.

Em seguida, inicia-se a biografia de Zé Peixe. Nos versos da segunda, terceira e quarta estrofes são encontrados os primeiros dados do nascimento do biografado: naturalidade, nome completo, data de nascimento e filiação.

Vou falar de um sergipano
O José Martins Ribeiro
Que é falado integralmente
Quase no Brasil inteiro
Por Zé Peixe conhecido
Bom, honesto e destemido
O mar é o seu roteiro.

Dia 05 de janeiro (1927)
Nosso Zé Peixe nascia
Tão forte como um rochedo
Com coragem e energia
O mar virou seu enredo
De água não tinha medo
Era nela em que vivia.

Seu pai Nicanor Ribeiro
Também um bom sergipano



Sua mãe dona Vectúria
Um casal lindo e humano
José um lindo menino
Mas já trazia o destino
De viver no oceano.

Além dos dados, as deduções levantadas na leitura da capa do folheto vão sendo, aos poucos, comprovadas. Isto é, sabemos, seguramente, agora, pela segunda estrofe, que a escolha pelo apelido em detrimento do nome próprio do biografado, no título do folheto, deve-se ao fato de ser famoso pelo nome de Zê Peixe. Os autores, inclusive, dedicam uma estrofe para explicar a origem da alcunha:

Recebeu um apelido
Que a todos convenceu
De tanto viver no mar
Esse nome alguém lhe deu
Seu Aldo, um bom comandante
Deu-lhe um título interessante
Foi Zê Peixe o nome seu.

Outra dedução que se confirma é o reconhecimento social de Zê Peixe: “é falado integralmente quase no Brasil inteiro”; ou seja, trata-se de uma pessoa famosa, o que explica o formato de busto ao ser desenhado. Além do mais, os biógrafos, ao usar, intencionalmente, o pronome possessivo “nosso”, no verso “Nosso Zê Peixe nascia”, conferem ao biografado a condição de representante popular do povo sergipano.

A propósito, o reconhecimento da pessoa biografada é uma característica predominante nesse folheto. Os autores quando não evidenciam a sua condição de famoso, chamam atenção do leitor para suas qualidades e conquistas, como podemos observar nas segunda e terceira estrofes, nos versos “Bom, honesto e destemido”; “Tão forte



como um rochedo / Com coragem e energia”; e nos versos das quinta e sexta estrofes:

Seu pai um homem descente
 E de um sonho varonil
 Que com a vida aprendeu
 Ser educado é gentil
 Zé foi muito elogiado
 Por todos considerado
 Melhor prático do Brasil

No tempo um jovem feliz
 Fez do mar a trajetória
 Como nadador, seu nome
 Sempre estará na memória
 Mas seu nome consagrado
 Não sairá da história

Até mesmo quando descrevem aspectos do biografado que ao leitor poderiam ser negativos, os cordelistas tratam de justificá-lo.

Zé é peixe sem escama
 Nunca usou um hidratante
 Ele é um ser diferente
 De sabonete é distante
 Também não usa perfume
 Talvez esse é seu costume
 Mais é limpo é importante.

A relação profunda de Zé Peixe com o mar, que lhe rendeu não só o apelido, mas a caracterização de “amigo do mar”, é também confirmada nas primeiras estrofes do folheto, nos versos “O mar é o seu roteiro”; “O mar virou seu enredo / De água não tinha medo / Era nela em que vivia”; “Mas já trazia o destino / De viver no oceano”; e, nitidamente, nos versos das estrofes abaixo:



De carona vai seguindo
Pra pular em mar aberto
Uma simples maratona
Que é o seu caminho certo
A água é sua mansão
Nada é sua oração
Sempre do mesmo está perto.

Com seu jeito puro e simples
Sua vida vai levando
Nadando descontraído
Com as ondas conversando
São elas sua alegria
Lhe servem de companhia
No ouvido sussurrando.

Nas estrofes seguintes, são mencionadas características das pessoas relacionadas à vida do biografado:

Por obra do criador
Tem ele sua irmã Rita
Como a tainha no mar
Ela também é perita
Nadando junto com o Zé
Os dois conseguiram até
Uma comenda bonita

Zé foi um bom estudante
Sua mãe foi professora
Tinha bastante talento
Uma grande educadora
Vivia sempre a falar
Que quem gosta de estudar
Tem vida mais promissora.



Nota-se que a religiosidade também é um aspecto notório desse cordel. Além da inspiração no início do folheto, os biógrafos atribuem aos acontecimentos, tais como sucederam, uma ação divina, a exemplo de versos “Por obra do Criador”, “Zé sempre foi um bom filho / Um presente lá do céu”, “Diziam: José voltou / Pois Deus é um pai bendito” e “A água é sua mansão / nadar é sua oração”. Neste último verso, é interessante a escolha dos autores pelo substantivo “oração” na construção da metáfora. Para além da necessidade de rimar com o verso anterior, já que poderiam ter escolhido outra palavra, por exemplo “vocação”, a escolha por tal substantivo revela, na verdade, a ideologia que se oculta, mas constitui a escrita dos poetas: trata-se de pessoas religiosas ou ligados à religião.

Ainda sobre as construções comparativas, o verso “Como tainha no mar” é um bom exemplo para explicar a escolha consciente das palavras pelos escritores a fim de se expressarem claramente. A tainha é um peixe que geralmente nada nas zonas mais profundas dos estatuários (G1, 2015); assim, quando a compararam a Rita, irmã de Zé Peixe, os autores quiseram dizer que ela era uma boa nadadora, pois sabia nadar nas profundezas do mar. Essa ideia é comprovada por eles no verso seguinte à comparação: “Ela também é perita”.

Na continuação da narrativa, há uma quebra na linha do tempo. Os biógrafos voltam à infância do biografado para descreverem a sua criação:

Ele começou a nadar
Com quatro anos de idade
Pequeno pulava na água
Com grande felicidade
Ia nadando pra ilha
Seguindo naquela trilha
Chupar cajú a vontade.



Cresceu com simplicidade
Sempre amigo da pobreza
Tendo um coração bondoso
Isso já de natureza
Aos mendigos do mercado
Zé sempre tem ajudado
Pois não conhece avareza

A descrição feita pelos autores não tem nessas estrofes a intenção de esmiuçar a construção da identidade moral, social e educativa de Zé Peixe ao longo de sua vida, mas de servir-se como meio de exaltá-lo, tanto é que são os qualificadores de enaltecimento o que mais se vê nos versos acima.

Observa-se, ainda, no plano semântico, como o advérbio de tempo “sempre” aparece duas vezes na estrofe e é utilizado antes de um qualificador, reforçando a ideia da imutabilidade do caráter de Zé Peixe, aliás, como versam os cordelistas, essas características são “[...] já de natureza”.

A maneira como os autores vão, ao longo da narrativa, em excessos, exaltando o caráter do biografado, já não parece indicar que se trata somente de um reconhecimento ou de uma homenagem, mas também de santificá-lo e canonizá-lo, para que fosse muito mais conhecido por seu caráter exemplar do que por sua aptidão ao nado:

É inimigo dos vícios
Nunca fumou nem bebeu
Durante sua existência
Poucos erros cometeu
Tem a fé no coração
Por ser um grande cristão
Sempre na vida venceu

Em seguida, os biógrafos vão descrevendo vários acontecimentos marcantes relacionados ao biografado. O primeiro envolve Zé Peixe e sua irmã Rita:



Um dia houve um naufrágio
 Ficou o povo assustado
 Os rádios naquela época
 Deram esse triste recado
 Zé peixe e mana Rita
 Tinham saído da fita
 O mar os tinha tragado.

Um reboleço tremendo
 Uma enorme confusão
 Todo mundo só falava
 Na morte do campeão
 Ele que viveu no mar
 Ia nele se acabar
 Foi essa sua missão

Ao escolher essa recordação para fazer parte da biografia, o propósito dos autores era fazer conhecer a grande comoção que se formou pela morte de Zé Peixe, exemplificado pela expressão hiperbólica “todo mundo”, no verso “Todo mundo só falava / Na morte do campeão”, e assim evidenciar que o biografado era muito querido pelo povo e, por ele, jamais seria esquecido, estando seu nome gravado na história sergipana, como asseguram ao considerá-lo “mito”.

Ficou provado que eles [Zé Peixe e Rita]
 São um verdadeiro mito
 Seus pais estavam sofrendo
 Cada um chorando aflito
 Quando o rádio anunciou
 Diziam: José voltou
 Pois Deus é um pai bendito.

O segundo acontecimento trata de uma lembrança marcante e dolorosa de Zé Peixe:



Zé Também traz na memória
Fotos da segunda guerra (1941)
Período bem conturbado
Mortos no mar e na terra
Nunca se viu tanto horror
Onde a tristeza se encerra.

Lembra do Dr. Coelho
Um exemplo verdadeiro
Das duas filhas do mesmo
Que estavam nesse roteiro
O Zé falou com tristeza:
– A guerra fez malvadeza
Deixou o doutor sem herdeiro.

Como já dito anteriormente, a escolha de uma recordação nunca é neutra. Desse modo, o relato da lembrança de Zé Peixe só fará sentido se entendermos que os autores têm finalidade de revelar os sentimentos de Zé Peixe sobre a guerra para enaltecer o caráter do biografado de não naturalizar a violência, mas desconformar-se com ela; de compadecer-se da dor alheia, em razão de amar o próximo; ambas características de um bom cristão.

A temática do bom cristão é presente também no terceiro acontecimento selecionado pelos biógrafos:

Zé mostrou seu heroísmo
Quando um dia em alto mar
Vendo no barco Mercury
O fogo a se alastrar
Antes de afundar então
Zé conduz a embarcação
E a todos veio a salvar.

É possível pensar que, para eles, Zé Peixe é um tipo de Cristo. Por toda narrativa, as descrições qualificativas vão dando semelhanças ao



maior personagem bíblico, isto é, Zé é humilde, amoroso, compassivo, amigo da pobreza, coração bondoso, inimigo dos vícios, tem fé no coração, de caráter exemplar, portanto, homem exemplar e, como apontado no verso acima, é também salvador.

Importa juntamente mencionar que a forma como foi escrito o último verso “E a todos veio a salvar” lembra as mensagens evangelísticas pregadas nas igrejas e locais públicos ao anunciar Jesus Cristo como salvador do mundo.

Em outra passagem do folheto, são mencionados lugares onde Zé Peixe foi premiado.

No Rio Grande do Norte
O Zé foi condecorado
Por sua grande bravura
Com o Escudo do Estado
Por ter salvo uns remadores
Pelos homens de valores
Foi muito homenageado

Em Salvador, recebeu
Homenagem da Marinha
A Deus ele agradeceu
Pela coragem que tinha
Ganhou a medalha até
Almirante Tamandaré
Por que muito lhe convinha

Os substantivos topônimos têm a função nessas estrofes de transmitir a ideia de que o biografado é reconhecido principalmente no Nordeste como em todo o Brasil e mundo, tanto que os autores completam, na estrofe seguinte às mencionadas: “Conhecido em todo mundo / Já deu muitas entrevistas”.

Já no final do folheto, os biógrafos narram a condição atual de Zé Peixe:



O Zé já estar bem idoso
Quase nem pode nadar
Porém seu netinho Kiko
Pensa de continuar
Será o seu sucessor
Pois de nada tem pavor
Se sente feliz no mar

Nessa estrofe, as explicações sobre a aparência do biografado na capa do folheto vão sendo informadas. Zé Peixe foi desenhado com uma aparência decrépita justamente por ser um idoso. No entanto, o verso “Quase nem pode nadar” contraria a hipótese de ele estar conduzindo a embarcação presente na capa, exceto se entendermos que a fisionomia envelhecida tenha também um sentido simbólico, isto é, que simbolize experiência e, desse modo, podendo-se concluir que Zé Peixe é uma pessoa experiente no nado e na condução de embarcações.

Os autores encerram a biografia dando suas últimas considerações sobre o biografado.

Aqui foi minha homenagem
A um grande sergipano
Homem de muito talento
Forte como um oceano
O mar foi seu brinquedo
Seu mistério, seu segredo
Sem mágoa e sem desengano.

Nota-se que o elogio até na última estrofe é bastante presente, provando ser o reconhecimento do biografado a característica maior desse folheto de cordel.



VIDA DE UM POETA

O folheto “Vida de um poeta”, datado de 1991, é uma autobiografia do cordelista sergipano Zezé de Boquim.

Zezé de Boquim, conforme escrito no mural dos cordelistas, na Cordelteca da Biblioteca Pública Municipal Clodomir Silva, é um poeta popular, originário do município de Lagarto, estado de Sergipe, sendo um dos grandes contribuintes da literatura de cordel, publicando dezenas de folhetos de cordel.



Zezé de Boquim
Vida de um poeta
 Aracaju: s.ed., 1991, 16p.
 Fotografia de autor desconhecido
 Impresso em preto sobre papel cinza

Na capa do folheto, o nome “Vida de um poeta” já indica que o texto se refere a uma biografia ou autobiografia. Curioso é o complemento que se dá à expressão “vida de”, já que informa somente que se trata de um poeta, sem mencionar o nome próprio ou o apelido do biografado. Em seguida, uma fotografia de um homem, do tronco à



cabeça, com uma camisa branca de gola aberta, usando óculos, ao que parece ser, de sol e um capacete de segurança muito usado em obras de construção civil. Com essas descrições, pode-se sugerir que a pessoa na fotografia tem profissão relacionado à construção civil e, ao mesmo tempo, é um poeta.

Na parte inferior do folheto, observa-se a expressão indicando o gênero em negrito, “**Literatura de Cordel**” e em caixa de texto baixa e, logo embaixo, o nome do autor em tamanho de letra inferior da do gênero, em caixa de texto baixa e sem negrito. Além disso, no canto inferior direito da capa, vê-se a numeração três, sugerindo, talvez, que o cordel é o terceiro publicado pelo autor ou é a terceira edição ou a indicação da terceira parte da biografia.

Quanto à estrutura formal, o folheto é composto por 16 páginas, divididas em 63 estrofes de septilhas, construídas com versos heptassílabos, na disposição de rimas ABCBDDB.

Na estrofe inicial, diferentemente do cordel biográfico analisado, o autor não pede inspiração a sua divindade, preferindo apresentar de maneira geral a narrativa.

Meus irmãos quero contar
Uma história conhecida
Não quero tomar seu tempo
Fazer conversa comprida
Mas peço para escutar
O modo de eu contar
Passado da minha vida

A primeira estrofe já esclarece ao leitor que será uma narrativa autobiográfica, observando-se o uso dos pronomes e verbos em primeira pessoa, característica principal dos escritos autobiográficos.

Ainda na primeira estrofe, é possível perceber a contradição do autor ao versar que não quer tomar o tempo do leitor e nem fazer conversa



comprida, mas o folheto possui 63 estrofes de septilha, o que é consideravelmente extenso, até mesmo para uma autobiografia em cordel.

A longa narrativa se deve ao excesso de descrições que o poeta faz ao decorrer da história. Algumas delas poderiam facilmente ser retiradas, uma vez que não afetariam o relato memorialístico; outras, por sua vez, são necessárias para que se alcance a máxima dos sentidos que o cordelista pretendeu ao versar sobre determinada lembrança.

Na segunda estrofe, Zezé de Boquim inicia sua história de vida. Ele começa por ignorar dados de nascimento. Não informa onde nasceu, em que ano, seu nome completo ou nomes de seus pais. Tudo isso parece não o interessar. O foco é sua situação social de pobreza, e é essa temática que predominará em toda sua narrativa.

Sou filho dum casal pobre
Mas vale a pena contar
Papai me deixou pequeno
Foi ruim pra me criar
Mas uma irmã que mamãe tinha
Era boa tia minha
Conseguiu me ajudar

Os primeiros versos trazem uma reflexão que talvez o cordelista não tenha intencionado suscitar. Ao usar uma conjunção adversativa “Mas vale a pena contar”, estabelecendo uma relação de oposição com a oração principal “Sou filho dum casal pobre”, o poeta leva o leitor à reflexão: a história de vida que vale a pena ser contada é aquela de pessoas ricas e célebres? As trajetórias de vida de pessoas pobres não devem ser narradas, por isso ele justifica, ao mesmo tempo, tenta convencer ser a dele uma exceção em meio a regra?

Nos versos seguintes, o autor lamenta a desestruturação familiar ao relatar que foi abandonado pelo pai e como isso prejudicou em sua criação.



Na idade de 7 anos
Fiquei de pai abandonado
Mamãe ficou sem marido
Era triste o resultado
Minha mãe achou melhor
Ir morar mas minha vó
E mais três filhos de lado

É interessante perceber que a história do cordelista se parece muito com as histórias de vida de outras pessoas, sobretudo das que vivem na parte baixa da pirâmide social. Nesse sentido, sua autobiografia, além de uma homenagem a si mesmo, também se torna um retrato social das camadas populares.

Não escapa também da percepção as palavras típicas da linguagem oral popular, como no verso “filho dum casal pobre”, no uso de “dum” com contração e junção da preposição “de” mais o numeral “um” e no verso “foi ruim pra me criar”, no uso da forma reduzida da preposição “para”.

À continuação da história, o autobiógrafo salta na linha do tempo e mostra como a falta de garantia dos direitos básicos à cidadania, tal como a do trabalho digno para seus pais, implicou diretamente no seu direito de ir à escola e estudar.

Ao completar 9 anos,
Comecei a estudar
Porque a minha tia
Resolveu me ensinar
Faltou o terceiro livro
Mamãe não pode comprar

Aí saí da escola
Foi triste a situação
Perdi todo o meu estudo
Por falta de condição



Mas as lições que foram dadas
Ainda hoje estão guardadas
Na minha recordação

Nas duas estrofes, nota-se, inclusive, uma contradição no relato do cordelista. Ele menciona que começou a estudar, porque a sua tia resolveu ensiná-lo, mas, logo adiante, revela que precisou sair da escola por faltar-lhe material de estudo. Essa contradição pode ser tanto o resultado da escrita lacunar, tal qual é o folheto autobiográfico, e por isso não se tem explicações coerentes sobre um fato passado, como pode ser o conflito de lembrar-se do passado versando sobre ele no presente, como a historiadora Maria do Rosário da Silva explica:

Qualquer narrativa que relate o que se passa ou que se passou institui algo de real, é a representação de uma realidade do passado. [...] “O ‘real’ representado não corresponde ao real que determina sua produção. **Ele esconde por trás da figuração de um passado, o presente que o organiza**”. (SILVA, 2015, p. 58, grifos nossos)

Na sequência, o autor segue mostrando as consequências da pobreza de sua família, dessa vez relatando que precisou trabalhar aos doze anos, impedindo-lhe de ter uma infância e juventude saudáveis.

Na idade de 12 anos
Veio um tempo ruim
Precisei ir trabalhar
Numa plantação de capim
Acho por eu ser menino
Veio um feitor cretino
Tratou de mangar de mim

Para piorar a situação do poeta, que nessa altura já sofria por estar trabalhando, havia um “feitor” que não só zombava dele, como o ofendia com práticas de racismo, no uso da expressão popular “neguinho besta”.



Apesar de ser pequeno
E não fazia extra
Mas já tinha trabalhado
Terça, quarta, quinta, sexta
Sem ofensa de ninguém
O feitor achou por bem
Me xingar de neguinho besta

Observa-se, na estrofe, que a pobreza está muito vinculada a condições de trabalhos humilhantes, quando não, desumanos. É como se o empregador, ao ter conhecimento da condição de pobre do empregado, se visse no direito de exigir o que lhe aprouver, desconsiderando todos os direitos humanos da pessoa. Desse modo, movido pela ganância e valendo-se da desgraça alheia, vê no trabalhador pobre e marginalizado uma mão de obra barata. O trabalhador, por sua vez, permite a violação de seus direitos, porque necessita do pouco que recebe para sustentar a si mesmo e a família.

Em estrofe posterior, convicto que não iria trabalhar mais para o feitor cretino, o autor relata sua ida ao sul da Bahia na tentativa de livrar-se da sua pobreza que, de tão tamanha, nem roupa boa possuía.

Mas eu sempre encabulado
Com o modo que vivia
Uma roupinha que prestasse
Isto eu não possuía
Aí saí do meu estado
Fui arranjar uns trocados
Lá pelo sul da Bahia

A essa altura do folheto, cabe mencionar que as expressões populares e regionais são, além da temática da pobreza, a característica predominante nesse folheto. Palavras e frases contidas nas estrofes anteriores, como “mangar”, que significa zombar ou escarnecer; “ne-



guinho besta”, que é o mesmo de pessoa desprovida de esperteza ou pessoa tola; “encabulado”, que significa envergonhado ou constrangido; e “uns trocados”, que é pouco dinheiro, são alguns exemplos de expressões populares presente em todo cordel.

Voltando-se à narrativa, o autobiógrafo faz uma longa descrição da viagem. Trata-se de um aspecto atípico dos folhetos de biografia e autobiografia, dado que é comum os cordelistas não se prenderem aos detalhes dos acontecimentos. No entanto, para o poeta era necessário mostrar os elementos descritivos para que o leitor percebesse a sua grande pobreza e, aparentemente, sua condição de azarado, já que a ele tudo ocorria de mal, tal como escorregar de uma pinguela (ponte improvisada), sem explicação.

Fiquei lá perambulando
Naquela terra baiana
Que eu saí de casa
Já fazia uma semana
Oito dias sustentado
Em farinha com banana

Passei lá numa fazenda
Que nem sei o nome dela
Fui atravessar um riacho
Por cima de uma Pinguela
O que passou-se não vi
Sei que eu escapoli
Quase rebento as costelas

Na sequência, o autor descreve as condições inóspitas de onde passava as noites até chegar na fazenda, na qual trabalhou durante quatro meses.

Era uma casa bem velha
Um lugar muito escondido



O dono a quem pertenceu
Há tempos tinha morrido
Tinha um caixão pra assento
Botei a cabeça dentro
Passei a noite encolhido

Dali sai de manhã
Com um enfado profundo
Fui me parar na fazenda
A desencanto segundo
Só tinha cobra e mosquito
O lugar mais esquisito
Que eu já vi neste mundo

Essas descrições mostram que a pobreza do poeta só piorava, ao invés de melhorar, como pretendia, de tal modo que confessa ao leitor, na estrofe seguinte, advertindo-o da veracidade do relato, que seus “[...] dentes só viam carne / quando mordiam a língua”.

Ali passei quatro meses
Só escutava resinga
Ajuntei alguns trocados
Porque não tomava pinga
Não tou fazendo alarme
Meus dentes só viam carne
Quando mordiam a língua

Os dois últimos versos da estrofe carregam uma comicidade, muito embora trate de uma situação triste. Essa jocosidade na escrita do autor, que não se reserva somente a estes versos, mas a encontramos, só para citar alguns, nos versos “Pobre só enche barriga / É quando morre afogado” e “Mas pobre só vai pra frente / Quando leva uma topada”, parece ser uma tentativa do autobiógrafo atenuar, na escrita de si, a própria situação negativa, isto é, rir da própria desgraça, balan-



ceando sua trajetória de vida triste com modo alegre de contá-la, dando ao leitor, apesar de uma história melancólica, momentos risórios.

Em outra passagem do folheto, o poeta vai mencionando suas profissões, todas elas temporárias, já que sempre ocorria uma adversidade que o obrigava a demitir-se.

Ao completar 12 dias
Trabalhando num barreiro
O patrão se esqueceu
De me falar em dinheiro
Eu falo com consciência
Me faltou a paciência
De lutar com trapaceiro

A adversidade desse emprego era a desonestidade do empregador ao não pagar pelos serviços prestados. Vê-se a representação do mais vil do egoísmo, uma vez que o patrão, ao não pagar o salário, não só descumpriu a lei, como também desconsiderou a própria condição de pobre do poeta. Em contrapartida, o autor, considerando que lutar com trapaceiro não resultaria em nada, principalmente se este fosse rico, desiste de buscar o que lhe é de direito. Nesse ponto, observa-se a representação da naturalização e conformação das injustiças pelas pessoas em condição de opressão.

O segundo trabalho é o que mais se aproxima da ideia da fotografia presente na capa do folheto. O poeta relata que trabalhou em serviço de cal para uma companhia. Apesar de não informar, serviço de cal geralmente está relacionado à construção civil, já que o produto é muito usado nesse meio, além de necessitar de equipamentos de proteção.

Quando foi em 66
Trabalhei numa companhia
Em um serviço de cal
Foi a pior tirania



Pelou-me até a pestana
E pra mim teve semana
Até com 14 dias

Semelhante ao trabalho anterior, o autor deixa claro os motivos que o fizeram abandoná-lo, a saber, trabalho análogo à escravidão, demonstrado pelos versos “E pra mim teve semana / Até com 14 dias. Pode-se pensar, inclusive, que o autor trabalhava quatorze dias e só recebia equivalente a 7 dias.

Vale chamar a atenção para as questões sociais que se relacionam à temática principal do folheto. A pobreza do poeta, ora por ter nascido em um lar de pobreza, ora pela falta de estudo que poderia tirá-lo dessa condição, o levou para situações de racismo e de trabalho escravo. Essas relações presentes no folheto são exemplos de como o opressor, figurado pela empresa, condena o oprimido, personificado pelo biografado, a uma vida de opressão e prisão, já que o trabalho, por mais desumano que fosse, era necessário para o poeta.

No verso “Pelou-me até a pestana”, o autor mostra que não era dado nenhum equipamento de proteção, deixando-o refém das consequências de inalação e contato da cal com a pele. Aliás, na sequência da narrativa, o autobiógrafo dá a entender que a companhia não se preocupava com medidas protetivas:

Outro dia eu fui cumprir
Uma ordem do gerente
Fui medir uma caldeira
Cheia de asfalto quente
Uma tábua se quebrou
Minha perna se entrou
Quase eu morro de repente

Nas estrofes seguintes, o papel da mulher, personificado pela esposa do poeta, recebe um protagonismo relevante na trajetória da



vida do cordelista. Ela é conselheira, consoladora, amiga e pessoa de fé, características que o mantêm menos insatisfeito com as situações que passa.

Cheguei e disse a mulher
Trabalhar não me convém
Hoje eu deixei o serviço
A mulher disse tá bem
Jesus é pai e padrinho
Deus sustenta os passarinhos
Sustenta a gente também

Quando o poeta reclamou que o seu terceiro trabalho, o de lavrador de fumo, não lhe rendia lucro, sua esposa, conformada com a pobreza que eles passavam, o incentivou a abandoná-lo, mesmo sob condições de não poder ficar sem trabalhar.

Um dia eu disse a mulher
Eta que trabalho ingrato
A mulher disse abandone
Se saia deste maltrato
Se trabalho fosse documento
Burro, cavalo e jumento
Tinha 2 pés de sapato

Tal era a resignação de sua esposa que, em outro episódio triste da vida do cordelista, no qual ele e sua família passaram fome, era ela que se mantinha de bom humor, oferecendo-lhe apoio emocional.

Mas a mulher bem satisfeita
Levava o tempo em sorrir
Eu é que viva triste
Mago que só bem-te-vi
Para melhor dizer



Eu não podia correr
Com medo das calças cair

Um dia queixei-me a mulher
É triste a situação
Nem casa pra morar
Dinheiro nem um tostão
Ela disse não esmoreça
Pobre levanta a cabeça
É quando passa um avião

A queixa do poeta tinha de ver com a frustração de não poder realizar seus sonhos que, a propósito, se constituíam de direitos humanos básicos, como moradia e trabalho digno que lhe desse condições de possuir um carro.

Eu disse mas eu queria
Uma vida bem sossegada
Um carro novo na porta
Uma casa bem mobiliada
Ela disse perfeitamente
Mas pobre só vai pra frente
Quando leva uma topada

Dando-se conta da maneira como sua mulher aceitava a condição de pobre sem reclamar ou revoltar-se, o poeta se rende à resignação dela, agradece-a e a reconhece como sua melhor riqueza.

Meus amigos eu me calei
Não pude dizer mais nada
Devia agradecer a Deus
Pelas bençãos alcançadas
E digo isto em meu nome
A melhor riqueza do homem
É uma mulher conformada



Logo adiante, o autor revela estar conformado com a sua condição pobre, no entanto condiciona sua felicidade não à resignação, e sim a sua conversão ao cristianismo, que serviu ao poeta como muleta para sua debilidade emocional.

Nessa condição de pobre
Não envergonho ninguém
Nada tenho nada devo
Me conformo muito bem
E quem quiser ser feliz
Faça da forma que fiz
Aceite Jesus também

Além de contribuir para a saúde emocional, o autor dá a entender que a sua conversão contribuiu para a mudança na maneira de ver a vida, valorizando, a partir de então, as pessoas em detrimento de objetos de valor pecuniário.

Hoje meus filhos e meus netos
São grande honra pra mim
Nem o mais feio não troco
Pelos os ônibus da Bomfim
Quer dar valor o que tem
É só tu fazer também
Como ZEZÉ DE BOQUIM.

Desse modo, o poeta encerra sua história, deixando no último verso seu nome, como assinatura, assegurando que o folheto é de sua autoria.



AFINAL, COMO SE CARACTERIZAM OS FOLHETOS BIOGRÁFICOS E AUTOBIOGRÁFICOS?

Conforme as análises foram sendo feitas, observamos, além das características comuns ao cordel, leem-se estrofe, verso, métrica, rima e musicalidade, que os folhetos biográficos e autobiográficos se constituem de duas linguagens articuladas, a visual e a verbal. A visual incita o leitor à narrativa, ao mesmo tempo que pode fazê-lo antecipar-se a ela, pela leitura dos elementos imagéticos presente na xilogravura, na fotografia ou no desenho, formas de capas mais usuais nesse estilo de literatura de cordel.

Já a verbal se divide em duas partes. A primeira se encontra na capa do folheto e se constitui, obrigatoriamente, do título e da autoria e, acessoriamente, do subtítulo, nome do gênero, edição, editora, endereço ou data. A segunda é a própria narrativa, em que o cordelista versa sobre a trajetória de vida de um indivíduo que, para ele, ao menos, é suficientemente digno de ser biografado. Isto é, a biografia ou autobiografia está a serviço do enaltecimento da pessoa biografada. Ela, por sua vez, serve de exemplo a outras pessoas, aliás, é versada sob a ótica da perfeição ou glorificação.

Para alcançar o êxito de biografar tanto quanto enaltecer, o cordelista biógrafo utiliza uma estrutura narrativa da qual o tempo não é predominantemente cronológico, mas anacrônico, em que os eventos passados são revividos pelo olhar poético do presente que os interpreta e os reconstitui. Esses eventos incluem a infância, a vida adulta e velhice ou morte e se vinculam a temáticas variadas, como conquistas, profissão, identidade moral e social, problemas sociais, amor, viagens, religião etc.

As estrofes de sextilhas ou septilhas, sob as temáticas apresentadas, nos versos memorialísticos, não escondem os qualificadores que exaltam a figura biografada, seja vencendo os obstáculos, seja nas escolhas que realiza, seja no modo de ser, no caráter irrepreensível e



inspirador, como é geralmente representado nos folhetos biográficos e autobiográficos, fazendo do enaltecimento a característica principal desses dois gêneros.

FOLHETOS BIOGRÁFICOS E AUTOBIOGRÁFICOS: CONSTRUINDO A PRÁTICA

No primeiro capítulo, dedicamos nossa atenção aos aspectos teóricos da literatura de cordel, começando por sua história, avançando para suas características estruturantes gerais e terminando nos aspectos dos folhetos biográficos e autobiográficos. Neste segundo capítulo, baseando-nos nesses conhecimentos aprendidos, nos propomos fornecer ao leitor atividades dinâmicas e lúdicas possíveis de se trabalhar o cordel em sala de aula.

Para tanto, apresentamos os elementos presentes em folhetos de cordel, a essa altura, já conhecidos, sendo eles: linguagem verbal; linguagem visual; versos e rimas; ritmo e musicalidade; métrica; qualificadores; escrita de si e escrita para o outro.

Para realização de atividades, o professor pode adaptá-las à sua realidade escolar e a faixa etária dos alunos, sem prejuízo dos efeitos que elas possam desempenhar na aquisição do conhecimento, principalmente da literatura do cordel.

As atividades foram pensadas sob a ótica das escolas públicas brasileiras, em que muitas delas não dispõem de recursos materiais e tecnológicos que atendam a necessidade de uma aula dinâmica e criativa, de modo que todas as atividades dependem de matérias acessíveis para sua realização.

De modo a facilitar o entendimento de cada uma delas, no final do capítulo dispusemo-las em quadro esquemático, no qual informa a categoria, o nome da atividade e a sua disposição, isto é, se é individual ou em grupo.





LINGUAGEM VERBAL

Atividade 1 – Tempestade de ideias

Encabeçando esse primeiro aspecto do folheto de cordel, a “Tempestade de ideias” diz mais respeito a uma metodologia do que uma atividade propriamente dita. A escolha se deve em razão de ela ser dinâmica e ativa, na qual retira os alunos de uma acomodação passiva nas salas de aula e os coloca em uma situação que o andamento da aula só será possível em função de suas participações

O professor, ao ensinar sobre literatura de cordel, principalmente se for a primeira aula, dita sensibilização, poderá dispor os alunos em roda e, posicionado no centro, sugerir que eles digam a primeira palavra ou frase que lhes vem à cabeça, quando escutam a palavra “Cordel”. Em seguida, buscará unificar as respostas da turma, dando uma definição e conceitualização do folheto nordestino.

Atividade 2 – Texto-teatral

A segunda atividade, “Texto-teatral”, também busca o protagonismo dos alunos, dividindo a responsabilidade da aula com o professor, na medida em que eles participam dela, tornando-a não do docente, muito menos deles, mas de ambos. Sendo assim, a proposta dessa atividade é trabalhar com a leitura expressiva e, para tanto, é necessário reunir a classe em círculo e separá-la em três grupos. O primeiro lerá as estrofes ímpares. O segundo, as pares. E o terceiro fará mímicas relacionadas às estrofes lidas.



No folheto “Zé Peixe o Amigo do Mar”, por exemplo, na primeira estância, os cordelistas versam que fitaram o infinito e pediram a Deus para ajudá-los na construção biográfica. Conforme o grupo responsável pela primeira estrofe a ler, os alunos, que devem realizar a pantomima, podem inclinar a cabeça ao céu com o olhar fixo ao passo que estendem as duas mãos em posição de oração, representando, portanto, um pedido de inspiração à divindade.

Todavia para lograr êxito nessa atividade, recomendamos que o professor exercite a leitura, como se pede um folheto de cordel, com a turma. Se precisar, mais de três vezes, utilizando diferentes cordéis. Além disso, é importante que os alunos estejam familiarizados com o folheto que será utilizado no texto-teatral, tanto para executar bem a leitura expressiva, quanto para facilitar as representações que eles farão.

Atividade 3 – Roda de histórias

Ainda dispendo os alunos em roda, a terceira atividade, “Roda de histórias”, tem como objetivo reunir diferentes relatos memorialísticos, em diversos contextos, com distintas subjetividades. Assim, ela consiste em um relógio de apenas um ponteiro, com cinco divisões¹, em que cada parte contém um desenho que representa um sentimento. A primeira parte, há um coração; a segunda; uma menina sorrindo em um balanço; a terceira, um coração partido ou ensanguentado; a quarta, uma família; e a quinta, um avião decolando. Dessa forma, um aluno de cada vez gira o ponteiro e, no desenho em que ele indicar, deverá contar um episódio do passado de sua vida que se relaciona com o que está desenhado.

1 Pode-se aumentar as divisões, segundo os critérios e objetivos que desejar.



Acresce dizer que alguns desenhos, como o coração partido ou um avião decolando, devem expressar ambiguidade para que a turma possa ampliar os significados, trazendo sempre novos relatos a partir de uma mesma ilustração. A título de exemplo, um aluno pode interpretar que o coração partido significa um relacionamento amoroso que não deu certo, enquanto outro pode entender que se trata de uma dor decorrente de um luto e assim ambos relataram diferentes lembranças de suas vidas, baseando-se no mesmo desenho. De igual modo, um aluno pode entender que o avião decolando signifique viagens, diferentemente de outro que interpreta como despedida.

Vale ainda destacar que o professor deve aproveitar o momento em que os alunos contam partes de suas histórias para mostrá-los como eles tiveram, dentre tantas memórias, que escolher apenas uma para relatar, em semelhança ao cordelista biógrafo ou autobiógrafo que seleciona algumas reminiscências a fim de versá-las. Em paralelo, pode, após completarem a atividade, sugerir que eles escrevam em um papel as lembranças escolhidas, no intuito de utilizar nas produções autobiográficas.

Atividade 4 – História em cubos

Semelhante à atividade anterior, a “História em cubos”² busca exercitar a criatividade dos alunos, atrelando-a aos conteúdos de biografia e autobiografia, com criações de histórias que pretendem ser imputadas de verídicas. O jogo, com algumas adaptações do original, contém de quatro a seis dados, comportando, em cada um deles, seis figuras. Cada cubo deve contemplar diferentes personagens, ambientes, ações e clima, se utilizar quatro dados; se seis, incluem-se objetos

2 Do inglês “*Rory’s story cubes*”, um jogo de Rory O’Connor, cujo objetivo é criar uma história a partir de cinquenta e quatro gravuras aleatórias divididas em nove dados.



e tempo. Dessa forma, o aluno jogará os dados³ e, com base nas figuras indicadas, construirá uma história que poderá ser autobiográfica ou biográfica. No entanto, a narrativa deverá ser construída como se fosse verdadeira, de tal modo que ele só será aprovado se convencer os demais colegas de classe da veracidade do relato.

Ao fim da atividade, o professor deverá refletir sobre a verdade escritural de uma biografia ou autobiografia, mostrando à turma que tais gêneros não pretendem, pura e exclusivamente, relatar fatos verídicos, mas sim conceder um lugar de fala de autoridade, de modo a persuadir o leitor a acreditar em uma memória que, muitas vezes, foi inventada ou reconstruída com adornos convenientes à intenção do biógrafo (CABRAL, 2016). Aproveitando-se dessa questão, pode-se, inclusive, debater com os alunos como é escrever sobre o passado, estando no tempo presente.

Atividade 5 – Verdade x desafio

A última atividade relativa à linguagem verbal se refere a uma revisão dinâmica de assuntos trabalhados em sala de aula. O jogo “Verdade x desafio”, popularmente conhecido e tão jogado pelos jovens, é realizado com os alunos dispostos em uma roda, na qual se gira uma garrafa ou objeto passível de ser rodado, de maneira que a quem a parte traseira da garrafa indicar, perguntará “Verdade ou desafio?” para outro que a parte dianteira apontar. Se ele disser verdade, o aluno responsável pela questão, indagará sobre algo referente ao folheto de cordel; se desafio, o professor dará uma atividade desafiadora. Se,

3 Se preferir, invés de apenas um aluno, pode-se escolher de quatro a seis alunos, a depender da quantidade de dados, para que cada um jogue um dado e, assim, construa uma história coletiva.



porventura, quem escolher “verdade” errar a resposta, cumprirá também um desafio.

O objetivo dessa atividade é fazer com que a turma teste os conhecimentos adquiridos sobre a literatura de cordel, além de trabalhar aspectos desse gênero literário, uma vez que o professor poderá se vale de desafios como criar uma estrofe improvisada ou ler um trecho de um folheto ou, ainda mesmo, identificar, para citar um exemplo, marcadores de tempo, como por exemplo..., em um cordel biográfico ou autobiográfico. Nessa tarefa, o aluno que pergunta e o aluno que responde são beneficiados com a assimilação do conteúdo, já que ambos necessitarão ter como referência os conhecimentos aprendidos; um, para saber o que perguntar; o outro para saber responder; ambos, porque, eventualmente, serão desafiados.



LINGUAGEM VISUAL

Atividade 1 – Cordel–imagem–texto

Para este elemento, a primeira atividade, “Cordel–imagem–texto”, compreende criar uma narrativa baseada nas hipóteses suscitadas a partir da leitura da capa de um folheto, no propósito de os alunos perceberem, na prática, como esse gênero se constitui de uma linguagem visual que se articula à linguagem verbal, possibilitando, por vezes, antecipar-se ao relato biográfico ou autobiográfico. Para tanto, o professor deve ter em mãos várias capas de cordéis semelhantes às de “Poeta João Sapateiro: orgulho do meu lugar”¹, “História de Pinto Martins”² e “Zé Peixe o Amigo do Mar”³, a fim de disponibilizar à turma para construção das narrativas. Ao final da atividade, é imprescindível que o docente juntamente com os alunos verifique se as hipóteses, pelas histórias construídas, se confirmaram nos versos de cada folheto donde foi utilizado as capas.

1 Ver p. 10

2 Ver p. 11

3 Ver p. 13



Atividade 2 – Isogravura

A segunda proposta de trabalhar com a literatura de cordel, a “Isogravura”, só pode ser realizada após a produção escrita, no entanto, trataremos primeiramente dela por seguimos as categorias que elencamos no quadro esquemático. Sendo assim, a isogravura é uma alternativa à xilogravura – a arte mais usual de capa de cordel –, em que consiste desenhar à lápis ou à caneta de bico fino sobre uma bandeja de isopor – facilmente encontrados em embalagens de pães, bolos e carnes –, cobrindo-a levemente de tinta guache ou de tinta PVA, da cor preta, preferencialmente. Em seguida, coloca-se cuidadosamente o papel sulfite A4 sobre a pintura, fixando-o nela com a mão e tirando-o na sequência, conforme as imagens instrutivas abaixo:

Imagem 1 – Desenho a lápis na bandeja de isopor



Fonte: fotografia dos autores (2020)

Imagem 2 – Passando levemente a tinta guache sobre o isopor



Fonte: Fotografia dos autores (2020)

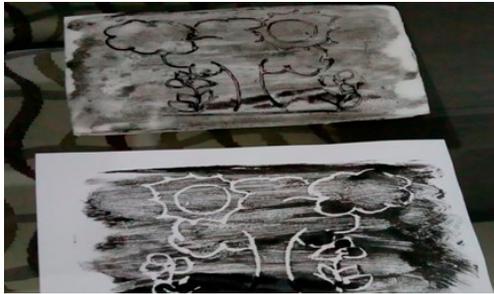


Imagem 3 – Sobrepondo o papel fixamente no isopor e retirando-o cuidadosamente



Fonte: Fotografias dos autores (2020)

Imagem 4 – Isogravura produzida



Fonte: Fotografia dos autores (2020)



Atividade 3 – História em mural

A terceira atividade, “História em mural”, segue o mesmo procedimento da anterior, diferenciando-se somente no objetivo que é construir coletivamente uma história a partir de várias imagens. Para tanto, o professor deverá separar a turma em três grupos⁴: o primeiro fica responsável pelo início da história, o segundo pelo seu desenvolvimento e o terceiro pelo seu fim. Em seguida, deve-se pedir aos alunos que produzam várias isogravuras, de modo que elas se inter-relacionem e estabeleçam sentidos que permitam ao leitor descobrir do que se trata a história. A função do professor nessa tarefa é apenas auxiliar, intervindo quando necessário, embora não recomendamos, para que o relacionamento interpessoal dos alunos possa se aflorar.

A “História em mural” é um trabalho coletivo em que o resultado é determinado muito mais pelas habilidades interpessoais do que pela artística. Os alunos deverão dialogar, debater, escolher, delegar funções, ações que, em suma, lidam com o outro, que é sempre diferente do eu. Diante disso, ao final da atividade, além da contação da história criada, sugere-se ao professor que socialize com eles, apontando e discutindo a questão da inteligência interpessoal, perguntando-lhes, por exemplo, quais as dificuldades tiveram na construção das isogravuras.

4 Ou separar a turma em grupos e cada grupo é responsável por construir uma história imagética.



Atividade 4 – Livro de artista

Tratando-se ainda de produção artística, o “Livro de artista” assemelha-se à atividade anterior e tem como propósito construir uma autobiografia, no entanto, em formato de livro e por meio de fotografias, desenhos ou recortes de revistas. Os materiais necessários para a fabricação compreendem, essencialmente, um caderno com folhas em branco, ficando os demais à criatividade de cada aluno. Ou seja, ele pode enfeitar as folhas em branco com lápis de cor, tinta guache, cola brilhante com glitter, fita crepom, emoldurando-as, fazendo nelas desenhos, colocando fotografias ou recortes de revistas e afins. Trata-se de uma tarefa à liberdade de expressão, de sentimento, e, principalmente, à subjetividade, portanto, produção individual.

Para conclusão dessa atividade, recomenda-se criar um evento na escola, em que a comunidade escolar participe e no qual os alunos possam apresentar seus livros de artista, fazendo a leitura de suas autobiografias, bem como explicando o modo de construção de cada uma delas.

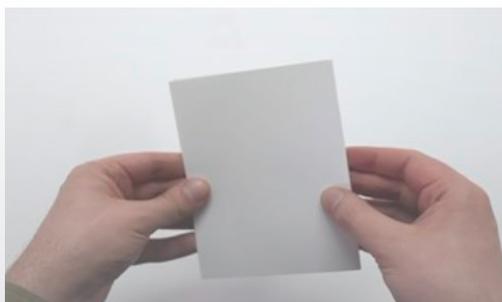


Atividade 5 – Livro pop-up

Em alternativa ao livro de artista, o “Livro pop-up”, segundo nossos critérios, também objetiva construir uma história de estilo biográfico e de maneira coletiva, por meio de imagens que saltam no livro. Para isso, serão necessários tesoura, lápis de cor, tinta guache, cartolina ou papel grosso, lápis e caneta, além de outros materiais que sirvam à criatividade de cada grupo.

À produção artística, basear-nos-emos nas instruções oferecidas pelo site Wikipédia⁵. Sendo assim, o primeiro passo é cortar a cartolina numa medida que não fique demasiadamente grande, até porque se trata de um livro que precisa ser facilmente manuseado nas mãos, sugere-se, à vista disso, cortar 23 cm x 30 cm. Na sequência, dobra-a horizontal e simetricamente, fazendo dois cortes paralelos no centro da cartolina, com espaçamento de um dedo, de modo que se possa criar uma aba. Repete-se o mesmo processo para as demais páginas do livro, conforme ilustra a imagem:

Imagem 5 – Cartolina dobrada horizontal e simetricamente

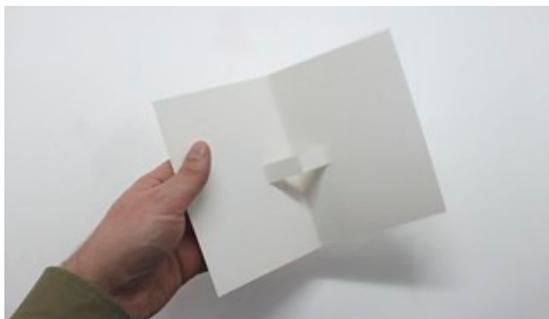


Fonte: Wikipédia (2020)

5 WIKIHOW. **Como fazer um Livro Pop Up**. Disponível em: <<https://pt.wikihow.com/Fazer-um-Livro-Pop-Up>>. Acesso em: 07 fev. 2020. No site, inclusive, há vídeos didáticos mostrando detalhadamente os passos.



Imagem 6 – Os cortes paralelos no centro da cartolina, criando uma aba



Fonte: Wikihow (2020)

O segundo passo é fazer os recortes e os desenhos que irão compor a obra. No tocante ao primeiro, quer de fotografia, quer de revista e afins, basta cortá-los em seus contornos. Quanto ao desenho, faz-se necessário uma outra cartolina para que se possa desenhar, aplicando nela, posteriormente, o mesmo procedimento dos recortes, lembrando que um desenho deverá ser colado na aba da página, constituindo a animação do livro.

Imagem 7 – Recorte dos contornos dos desenhos feitos



Fonte: Wikihow (2020)

Recomendamos que, antes da produção, o professor aconselhe os alunos a trabalharem com conceitos chaves de suas biografias,



para que não torne o livro detalhista demais a ponto de ter choque de ideias, isto é, excesso de ilustrações que impedem a interpretação geral da obra.

Certamente o professor pode tornar a atividade mais complexa, propondo criações mais elaboradas, com cenários mais animados, utilizando outros recursos artísticos, buscando novos meios de alcançar o mesmo objetivo. À vista disso, aconselhamos o vídeo “Luis Masse ensina como fazer um Livro Animado (Pop-Up)⁶”, do canal Artesanato na rede; e o site Misterpaper.pe, no qual disponibiliza vários tutoriais sobre o assunto em questão.

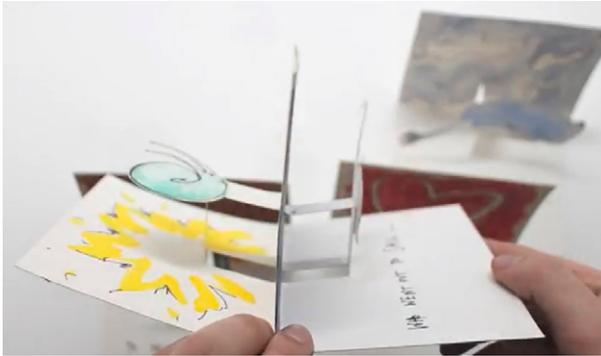
Voltando-se aos modos de produção, o terceiro passo é a decoração das páginas. Aqui vale tudo em nome da criatividade, conquanto se relacione com o objetivo do livro, criar uma biografia. Pode-se usar lápis de cor, papel crepom, MDF, tinta guache, cola brilhante com glitter, entre outros. Além disso, sugere-se incluir estrofes ou versos no propósito de articular a linguagem verbal à visual, como se vê num folheto de cordel.

Ao final dessa etapa, os alunos deverão colar o desenho, a qual escolheram para fazer a parte da animação. Recomendamos que o professor os oriente a passar a cola levemente na aba da página e assim cole a ilustração. Lembrar que qualquer material de grude deve ser utilizado com cuidado e sem excesso para que não manche a cartolina ou danifique as outras decorações.

6 Luis Masse ensina como fazer um livro animado (pop up). [Brasil]: Artesanato Na Rede, 14 set. 2017. 1 vídeo (30:17 min). Publicado por Artesanato Na Rede. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FO8dpWrYb_Q>. Acesso em: 10 fev. 2020.



imagem 8 – Plano de fundo e aba ilustrados com desenhos



Fonte: Wikihow (2020)

O quarto passo é juntar todas as páginas do livro, colando umas nas outras, no lado oposto às decorações, da seguinte maneira:

A parte superior de fora da segunda página deve ser colada à parte inferior de fora da primeira página. A metade superior exterior da terceira página deve ser colada à metade inferior de fora da segunda página. Continue com esse padrão até todas as páginas estarem conectadas umas às outras. (WIKIHOW, 2020)

Imagem 9 – As páginas coladas



Fonte: Wikihow (2020)



O quinto e último passo é a criação da capa, em que compreende dobrar a cartolina ao meio, numa medida um pouco maior das demais páginas, decorando-a e colando-a na primeira e na última página do livro.



VERSOS E RIMAS

Atividade 1 – Dominó de rimas

Atividade “Dominó de rimas” é um jogo didático que pode tanto ser jogado antes da explanação do assunto, quanto depois, servindo como exercício de fixação. Seguindo o procedimento do dominó tradicional, brincam-se até quatro alunos, em que cada um dispõe de sete peças, totalizando-se 28¹. Vence o jogo quem primeiro se livrar de todas as peças nas mãos ou, em casos da impossibilidade de andamento dele, quem tiver a menor quantidade.

Para produção do dominó, serão necessários uma cartolina, papelão ou isopor grossos e caneta azul ou preta. Na cartolina, desenha-se um retângulo, listrando-o no meio, repetindo o mesmo procedimento até contabilizar as 28 peças. Ele, inclusive, servirá de base para cortar o isopor ou o papelão. Após todo processo de cortes, cola-se o desenho sobre um dos dois suportes mencionados.

A segunda etapa da produção é escrever nos dois lados do retângulo 56 palavras em que haja correspondência de sons, como “Cordel”, “Fiel”, “Manoel”, diversificando-as, por exemplo, “Encantado”, “Amado”; “Lampião”, “Sertão”; “Peregrino”, “Felino”, lembrando, porém, que seis peças deverão ter palavras iguais nos dois lados do retângulo, representando as bombas. Assim, a bomba de sena será representada pela palavra “Cordel”, sendo necessário mais seis peças que correspondam fonologicamente com a última sílaba da bucha, fazendo o mesmo com as demais peças.

1 A quantidade de peças pode ser diminuída desde que não afete a dinâmica do jogo.



O professor, a propósito, poderá selecionar palavras que têm terminações gráficas diferentes, mas sons iguais ou parecidos, a exemplo de “Países”, “Felizes”; “Paz”, “Animais”; “Lágrima” e “Ávida”, para mostrar à classe como as rimas são estabelecidas segundo à fonologia.

Atividade 2 – Completar os versos

A segunda atividade, “Completar os versos”, em alternativa à primeira, como o próprio título sugere, objetiva fazer com que os alunos completem parcial ou inteiramente um verso. Dessa forma, o professor deverá selecionar um folheto ainda não trabalhado em sala de aula e retirar um ou dois versos de cada estrofe, se a ideia for deixar a atividade mais desafiadora, ou a última palavra deles. Ademais, recomendamos retirar aqueles que devem obrigatoriamente rimar, para que os alunos compreendam, na prática, que em estrofes de sextilhas ou septilhas, nem todos os versos rimam.

Além disso, é imprescindível que as respostas dos alunos estejam livres de qualquer intervenção do professor, ainda que erradas. Os erros justamente devem ser ponto de partida para explicar como funciona a dinâmica da rima em um cordel. Nessa lógica, cabe ao docente somente orientar que a turma tente completar os versos com rimas que não afetem a coerência e coesão de toda estrofe, consequentemente, de todo folheto.



RITMO CORDÉLICO

Atividade 1 – Cordel musicalizado

Na atividade “Cordel musicalizado”, os mais diversos estilos musicais entraram no universo do cordel, dando-lhe novas abordagens de leitura. Os alunos, por sua vez, serão cantores. A sala, o palco. Os colegas de classe, admiradores. Tudo se encaminhará para um show de novas experiências e sensações.

Para tanto, o professor dividirá a turma em grupos e cada grupo deverá escolher um estilo musical a fim de introduzir em um folheto, a escolha dos alunos, de modo que o objetivo é conseguir cantar o cordel escolhido com o estilo musical selecionado.



MÉTRICA

Atividade 1 – Métrica humana

Para realização da “Métrica humana”, faz-se necessário que o professor ensine a respeito da metrificação, de suas características, como identificá-la e, principalmente, como saber usá-la, uma vez que o êxito dessa atividade dependerá da assimilação dos alunos no tocante a esse conteúdo.

Concluído a observação, inicia-se a proposta pedagógica reunindo em fileira uma quantidade de alunos correspondente à quantidade de sílabas das palavras que há em um verso escolhido pelo professor. Cada aluno deverá segurar uma folha de papel sulfite A4, contendo uma sílaba, e se juntar aos demais colegas que estão com as outras sílabas, para formarem as palavras dispostas no verso, de modo que haja um espaçamento entre elas. Na sequência, o professor pedirá que o restante da turma separe metricamente as sílabas, com o propósito de exemplificar a diferença entre as sílabas poéticas e as gramaticais.

Nessa atividade, trabalham-se a divisão silábica e a métrica. Tomemos, por exemplo, o verso “Quase rebento as costelas”, do folheto “Vida de um poeta”, de Zezé de Boquim. Em sílabas gramaticais, há nove: Qua¹/se² re³/ben⁴/to⁵ as⁶ cos⁷/te⁸/las⁹. Logo, necessitar-se-á de nove alunos, dois para primeira palavra; três para a segunda; um para a terceira; e três para a quarta. Os demais colegas de classe, ao serem orientados que façam a metrificação, deverão perceber que há sete sílabas poéticas, e não nove – como poderiam supor –, uma vez que metricamente se conta até a sílaba tônica do último vocábulo do verso, além de unir vogais átonas que se encontram no final de uma palavra seguido do começo de outra. Assim, a separação silábica pela métrica fica: Qua¹/se² re³/ben⁴/toas⁵ cos⁶/te⁷/las.



QUALIFICATIVOS

Conforme visto no capítulo um, os qualificadores encontrados nos folhetos biográficos e autobiográficos servem ao enaltecimento dos biografados. Exaltam-se as qualidades, minimizam-se os defeitos e proclamam-se virtudes. Nesse seguimento, antecipamo-nos às próprias atividades, para anunciar que o objetivo delas é um só, refletir sobre como os alunos descrevem a si mesmos e descrevem aqueles que tanto admiram.

Atividade 1 – Descreve-te a ti mesmo

Estabelecido isso, a primeira atividade “Descreve-te a ti mesmo”, uma adaptação da célebre frase “Conhece-te a ti mesmo”, do filósofo grego Sócrates, se constitui de duas etapas. Na primeira, os alunos deverão, individualmente ou em dupla, pesquisar canções em que o eu-lírico fala de si mesmo e apresentá-las em sala de aula, informando como ocorre essa descrição. Na segunda etapa, invés de pesquisar, os alunos descreverão a si mesmo em uma folha de caderno. O professor, concomitantemente, deverá adverti-los sobre a veracidade na escrita e comunicá-los que lerão suas próprias descrições junto a classe. A ideia é que eles percebam a diferença conflitante entre descrever-se para si e descrever-se para o outro.



Atividade 2 – Retrato-amado

De semelhante modo, na atividade “Retrato-amado”, os alunos retrataram um ente muito querido, segundo seus critérios e interesses. Ao final, socializaram suas escritas em sala de aula, cabendo ao professor utilizar esse momento para discutir a natureza dos folhetos biográficos de versar sobre alguém de quem admira, culminando, eventualmente, no enaltecimento.





ESCRITA DE SI E ESCRITA PARA O OUTRO

Tal como o título prenuncia, a esta última categoria, trataremos exclusivamente da competência escrita em quatro atividades que se segmentam em folhetos autobiográficos (escrita de si) e biográficos (escrita para o outro).

Entretanto, quando se trata da produção escrita no contexto escolar, observações criteriosas se fazem necessárias, tornando-se forçoso dedicarmos uma parte de nosso trabalho a elas.

Irândé Antunes (2003), em seu livro *Aula de Português*, chama-nos atenção para as incorreções de se trabalhar uma “linguagem que não diz nada” (ANTUNES, 2003, p. 27), com atividades descontextualizadas sobre a gramática, e mecanizadas ou superficiais, quando de tarefas sobre a oralidade, a leitura e a escrita. A esta última, a autora expõe algumas dessas falhas:

A prática de uma escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção [...] não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e mundo, entre o autor e o leitor do texto.

A prática, enfim, de uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, prioritariamente, a tarefa de realizá-la [...]. (ANTUNES, 2003, p. 27)

O que Antunes (2003) discute é o valor de uma produção escrita feita pelos alunos. Quando ela é improvisada, em que daí já se observa



que o objetivo é a pura realização, não se trabalha a finalidade maior dessa competência, isto é, “quem escreve, na verdade, *escreve para alguém*, ou seja, está em *interação com outra pessoa*” (ANTUNES, 2003, p. 46, grifos da autora). Portanto, é imperativo que os alunos tenham ciência de que ao se dispuserem a escrever, eles escreverão sempre para alguém que lerá seus escritos. Ora, sabendo-se que a escrita é interacionista, certamente eles não poderão escrever de qualquer jeito.

Aproveitando-se dessa questão, lembramo-nos de uma situação ocorrida durante nossa participação no Programa Residência Pedagógica¹, num colégio estadual, situado na Barra dos Coqueiros, em que realizávamos uma atividade escrita de produção inicial de um folheto de cordel, na qual consistia em redigir um texto sobre um tema que eles desejariam versar posteriormente. Enquanto faziam, passávamos de carteira em carteira para auxiliá-los. Em meio a esse exercício físico – dirá que não? –, uma aluna me [Michel] chamou a fim de tirar uma dúvida. Ao respondê-la, observei que sua caligrafia estava deliberadamente péssima. Questionei-a. Debochadamente me respondeu: “‘Tá’, é só uma atividade”. Interpelei-a novamente, mas agora informando que leria e ficaria difícil ler sem entender o que estava escrito. Olhando-me com surpresa e leve irritação, perguntou-me “Vai ler é? ‘Oush!’”, ao passo que respondi afirmativamente. Ela então se rendeu e disse que iria reescrever.

A aluna, em sua pergunta “Vai ler é?”, não estava insinuando que sua professora não lia suas atividades, até porque seria um erro ingênuo pensar assim, uma vez que muitas das produções escritas rendiam pontuação para ajudar nas avaliações semestrais. Do contrário, ela só se surpreendeu, ao menos interpretamos desse modo, por eu

1 O Programa Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e objetiva o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, isto é, imersão do licenciado na Educação Básica, a partir da segunda metade do curso (CAPES, 2018).



[Michel] demonstram interesse em ler seu texto como leitor, não tanto professor. Com isso, não pretendemos sugerir que a professora não lia os textos dos alunos com entusiasmo, mas que talvez faltou fazê-los cientes disso.

Os alunos estão tão acostumados com atividades de produção escrita na qual a finalidade é meramente realizá-la, que não se preocupam em pensar no que vão escrever e se o texto foi bem escrito, logo também não dispõem da cognição para revisá-lo e reformá-lo. Assim, como já apontava Antunes (2003, p. 27), tem-se “[...] uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão [...]”; o aluno nem escreve para si, nem para o outro, formando escritores para o nada.

O cenário reverso é o professor e o aluno entenderem que a escrita se inicia antes mesmo de escrever e termina depois de já se ter escrito. Noutros termos, ela é uma série de ações cognitivas e linguísticas articuladas. Cognitivas, porque ninguém produz bons textos sem, de antemão, pensar e planejar a sua própria criação textual.

Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. [...] Daí que nossa providência maior deve ser encher a cabeça de ideias, ampliar nosso repertório de informações e sensações, alargar nossos horizontes de percepção das coisas. (ANTUNES, 2003, p. 45-46)



Atividade 1 – Foto-texto

Por acreditar nas palavras da autora que sugerimos, antes das produções dos folhetos autobiográficos e biográficos, as atividades “Foto-texto” e “Entrevista”, na qual a primeira tarefa busca que os alunos escolham uma fotografia pessoal e redijam um ou mais eventos do passado² relacionados a ela. Para dinamizar a atividade, o professor permitirá que eles decidam que gênero textual ou literário desejam escrever, quer em formato de carta, quer de poema, entre outros. O objetivo é selecionar as recordações que entrarão na autobiografia em cordel, unindo-se, inclusive, com as que foram relatadas na “Roda de histórias”.

Atividade 2 – Entrevista

Já a “Entrevista”, apesar de ter a mesma finalidade de separar os eventos memorialísticos, volta-se ao folheto biográfico, ou seja, os alunos entrevistaram um colega de classe, procurando saber sua trajetória de vida a fim de produzir a biografia dele em cordel. É o momento de planejamento, de conhecer a vida do biografado, perguntando-lhe sobre as circunstâncias de nascimento, da infância e da adolescência, inserindo temas como família, adversidades, sucessos e afins. É também momento de decisão, aliás, o aluno-biógrafo não poderá versar sobre todas as reminiscências coletadas na entrevista, terá que eleger umas e excluir outras.

As atividades “Foto-texto” e “Entrevista” são apenas meios de como os alunos podem se planejar para, só então, pôr no papel suas ideias. Toda escrita compreende uma série de decisões sobre o quê, como e para quem vai escrever (ANTUNES, 2003).

2 Os alunos não poderão usar os mesmos relatos memorialísticos da atividade “Roda de histórias”.



A ato de escrever [...] supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita. (ANTUNES, 2003, p. 54)

Atividade 3 – Folheto autobiográfico e biográfico

Assim, finalizada a etapa de planejamento, passamos a da produção literária. Os passos para escrita do folheto autobiográfico são os mesmos para o biográfico, de maneira que explicaremos os modos de fazê-los juntamente.

O primeiro passo já foi comentado, trata-se de capturar a ideia, reunir informações sobre ela e registrá-las na mente ou numa folha de papel, procurando manter uma estrutura de introdução, desenvolvimento e conclusão, a fim de posteriormente ser transformada em poesia. Nos casos de autobiografia e biografia em cordel, a ideia se refere aos relatos memorialísticos e ao modo como eles serão organizados.

Recomendamos ao professor que aconselhe seus alunos a, nos primeiros esboços da produção textual, ignorarem a estrutura do folheto nordestino, preocupando-se exclusivamente com o que deseja escrever. A liberdade de rascunhar é tão importante quanto à obra prima concluída.

O segundo passo é “cordelizar”. É escrever versos metrificados, formar estrofes e construir poeticamente as narrativas de vidas. Os alunos resgatarão os conhecimentos sobre a estrutura do folheto de cordel e tentarão aplicá-las em suas produções. Não há receitas para o êxito, exceto a prática pela teoria. Mas não quer dizer que o professor não possa auxiliá-los com sugestões como dicionário virtual de rimas, para ajudá-los com inúmeras palavras que possuam correspondência de sons entre si.

Ao tentarem versar, os alunos perceberão como a ideia vai sendo lapidada pela linguagem poética, o que pode provocar descontento



ou reclamações a exemplo de “Eu não consigo dizer o que quero em versos. É difícil.”. Nesse momento, o professor deverá estimulá-los a não desistirem, mostrando o quanto essa adversidade é desafiadora, na medida que terão que brincar com as palavras, ora sendo prolixos, para completar a métrica; ora sendo sucintos, para não a errar.

O terceiro passo é a etapa de revisão e reescrita do folheto autobiográfico e biográfico. Os alunos analisarão suas produções, avaliando se os objetivos foram cumpridos, se as estrofes estão coesas e coerentes, se os versos estão metrificados corretamente, se as rimas utilizadas foram as ideais, e “se respeitou, enfim, aspectos da superfície do texto, como a ortografia, a pontuação [...]” (ANTUNES, 2003, p. 56). É a partir da análise que se fará a reescrita, certamente porque encontrarão erros ou porque desejarão melhorar o texto.

O quarto passo é a montagem do folheto no Word. As maneiras de fazê-la são das mais diversas, no entanto recomendamos as instruções facilmente encontradas no vídeo “Como fazer folheto de cordel no Word”³ e “Como imprimir o folheto de cordel feito no Word”⁴, do canal Fazendo Cordel.

Todavia, sabemos a realidade das escolas brasileiras e dos seus respectivos alunos, que muitos não tem acesso a um computador ou notebook, por isso sugerimos, como alternativa, a montagem do folheto manualmente. Assim, basta dobrar, quantas vezes necessário, folhas de papéis sulfites A4, juntá-las e, na sequência, grampeá-las. Na primeira página, mantêm-se os elementos da capa: título, subtítulo (opcional), ilustração (isogravura, fotografia ou desenho), nome do autor e do gênero. Nas demais, escreve-se a narrativa.

3 Como fazer folheto de cordel no word. [Bahia]: Fazendo Cordel, 23 maio de 2015. 1 vídeo (11:11 min). Publicado por Fazendo Cordel. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y-JGMGrf5jvE>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

4 Como imprimir o folheto de cordel no word. [Bahia]: Fazendo Cordel, 12 abr. de 2016. 1 vídeo (04:47 min). Publicado por Fazendo Cordel. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZZFujDwllol>>. Acesso em: 10 fev. 2020.



Vale destacar que no tocante à isogravura como capa de um folheto manuscrito, as instruções, dadas na atividade “Isogravura”, modificam parcialmente. Ao invés de sobrepor todo o papel na bandeja do isopor, o aluno deverá fixar a metade dele, de modo que somente em um lado da folha apareça a ilustração. Aliás, a própria folha será a parte inicial do cordel feito manualmente.

O quinto e último passo é a culminância ou melhor, a divulgação. A qualidade da construção também depende dela, isto é, tornar útil o que se produziu; dar um sentido maior que o próprio ato de escrever. Portanto, é imperativo que haja um evento de exposição, de apresentação ou um documentário em que seja divulgado toda produção dos alunos.

Quadro 1 – Atividades sobre literatura de cordel

CATEGORIA	ATIVIDADE	DISPOSIÇÃO
Linguagem verbal	Tempestade de ideias	Grupo
	Texto-teatral	Grupo
	Roda de histórias	Individual
	História em cubos	Individual ou grupo
	Verdade x desafio	Grupo
Linguagem visual	Cordel-imagem-texto	Grupo
	Isogravura	Grupo
	História em mural	Grupo
	Livro de artista	Individual
	Livro pop-up	Grupo
Versos e rimas	Dominó de rimas	Grupo de quatro participantes
	Completar os versos	Grupo de quatro pessoas
Ritmo cordélico	Cordel musicalizado	Grupo de até cinco pessoas
Métrica	Métrica humana	Grupo
Qualificativos	Descreve-te a ti mesmo	Individual ou dupla
	Retrato-amado	Individual
Escrita de si e Escrita para o outro	Foto-texto	individual
	Produção de folheto autobiográfico	Individual
	Entrevista	Individual ou dupla
	Produção de um folheto biográfico	Individual ou, preferencialmente, dupla

Fonte: elaborado pelos autores (2020)





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado até aqui, esperamos que o leitor comum ou o leitor-professor tenha se encantado com o folheto de cordel e com suas possibilidades variadas de trabalhar em sala de aula. As propostas de atividades devem ser vistas como apenas ilustrações que a criatividade não permite pôr um fim em si mesmas e, por isso, convidamos-lhes a criar mais dessas, adaptar dessas, inovar essas.

No decorrer deste livro, enfatizamos que o folheto de cordel desde tempos remotos era o modo de expressão do povo nordestino, dado sua origem essencialmente nordestina brasileira, diferenciando-se em aspectos de estrutura e conteúdo da literatura de cordel portuguesa. Assim, em movimento reivindicatório de apropriação cultural devida, lembramos o leitor que folheto brasileiro não se confunde com cordel português.

Lembramos ainda que diante dos diversos caminhos de desbravar o mundo encantado do cordel, certamente quaisquer que fossem eles nos renderiam uma grande investigação, optamos pelos folhetos biográficos e autobiográficos, muito produzido e tão pouco estudado na academia. A biografia e autobiografia em cordel, como já vimos, pertence ao domínio das memórias de vida colhidas e escolhidas pelo poeta, sobretudo se ele mesmo for o biografado.

Descobrimos a natureza lacunar dos folhetos biográficos e autobiográficos, como o cordelista não consegue – e nem se impõe desse objetivo – contar toda trajetória de vida de um indivíduo, de modo que



versa apenas daquilo que tem caráter de enaltecimento, de exemplaridade, de resiliência e de caráter, em busca dignificar ao mesmo tempo justificar a história do biografado.

Outros elementos se juntam nesse fazer-se lembrar o passado que no presente se pretende enunciar, como o tempo que não é predominantemente cronológico, inclusive com lapsos de memórias e saltos na história; a narrativa que segue mais ou menos o padrão infância, vida adulta e suas particularidades (profissão, casamento etc), velhice e morte (quando o biografado já morreu); o uso das sextilhas que entre versos que rimam e outros que não, traz-se um ritmo embalado sem, com isso, atropelar o conteúdo versado; a verbovisualidade em que arte visual e poesia caminham sobre o mesmo caminho, oferecendo mais que histórias escritas, imagens que consolidam e antecipam os escritos cordélicos biográficos e autobiográficos.

Diante desses e outros achados e dos materiais por eles derivados, nossa esperança é que este livro encaminhe você leitor-comum ou leitor-professor ao caminho de leitura encantado do cordel, além de que sirva para o professor como recurso didático-pedagógico na sala de aula, na temática de valorização de vidas sergipanas, inclusive as dos alunos.

Esperançamos que esta obra tenha se tornado uma ferramenta motivadora e desafiadora, rompendo com a paralisia da leitura deleite, esquecida muitas vezes no contexto escolar, enriquecendo a aprendizagem e o desenvolvimento da competência leitora na sala de aula.

A literatura de cordel reclama sua valorização na literatura e na sociedade, de modo que este trabalho foi um ressoar dos clamores reivindicatórios, sem deixar de ser uma resposta a eles; mas, principalmente, é um convidar ao mundo encantado do cordel.



REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BATISTA, Abraão. **História de Pinto Martins**. Juazeiro do Norte: s.ed., 1992, 16p., capa: xilogravura de Abraão Batista.
- BOQUIM, Zezé. **Vida de um poeta**. Aracaju: s.ed., 1991, 16p., capa: fotografia sem indicação de autoria.
- BOQUIM, Zezé. **Aglaé D'Ávila Fontes: personalidade da nossa cultura**. Aracaju: s.ed., 2013, 8p., capa: fotografia sem indicação de autoria.
- CABRAL, Geovanni G. **Arte, História e narrativa: a trajetória do poeta José Costa Leite**. 2016. Tese (doutorado em história) – Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2016. 266 f.
- CABRAL, João Firmino; DANTAS, Ronaldo Dórea. **Zé Peixe o Amigo do Mar**. Aracaju: s.ed., s.d., 11p., capa: desenho de Ivan Santos Araújo.
- CAPES. **Programa Residência Pedagógica**. Edital N. 06/2018. Brasília: DF, 2018. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>>. Acesso em: 24 jan. 2020.
- CORDELTECA JOÃO FIRMINO CABRAL COMPLETA DEZ ANOS. **Infonet**, Aracaju, 27 maio 2013. Cultura. Disponível em: <<https://infonet.com.br/noticias/cultura/cor-delteca-joao-firmino-cabral-completa-dez-anos/>>. Acesso em: 15 jan. 2020.
- CRISTÓVÃO, José Severino. **Biografia de Juscelino Kubstchek de Oliveira**. S.L., 32ª ed., s.d., 12p., capa: fotografia sem indicação de autoria.
- FERNANDES, Olegário. **Nascimento, vida e morte de Lampião**. S.L., s.ed., s.d., 14p. Capa: xilogravura de Dila [José Soares da Silva].



FERREIRA, Gilmar Santana. **Poeta João Sapateiro**: Orgulho do meu lugar. S.l., s.ed., s.d., 7p. Capa: Desenho de Ubirajara [Ubirajara da Cruz Moura].

MISTERPAPER. **Tutoriais**. Lima, 2020. Disponível em: <<http://misterpaper.pe/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

NASCIMENTO, Salete. **João Firmino Cabral**: um poeta de valor. S.l., s.ed., s.d, 7p., capa: fotografia sem indicação de autoria.

NETO, Crispiniano. **Afonso Arinos**. S.l., s.ed., s.d., 16p., capa: xilogravura sem indicação de autoria.

NETO, Crispiniano. **Gilberto Amado**. S.l., s.ed., s.d., 16p., capa: xilogravura sem indicação de autoria.

ROIPHE, Alberto. Folheto de cordel: um gênero verbo-visual. In: Fernandez, Marcela A.; ROIPHE, Alberto (org). **Gêneros textuais**: teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

ROIPHE, Alberto. **Forrobodó na linguagem do sertão**: leitura verbovisual de folhetos de cordel. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.

SILVA, Maria do Rosário da. **Histórias escritas na madeira**: J. Borges entre folhetos e xilogravuras na década de 1970. 2015. Tese (doutorado em história) – Recife: O autor, Universidade de Pernambuco, 2015. 254 f.

TAINHA. **G1**, São Paulo, 05 fev. 2015. Fauna. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/fauna/noticia/2015/02/tainha.html>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas**: literatura de folheto do Nordeste (1893–1930). São Paulo: Global, 1983.

WIKIHOW. **Como Fazer um Livro Pop Up**. Disponível em: <https://pt.wikihow.com/Fazer-um-Livro-Pop-Up>. Acesso em: 15 jan. 2020.

